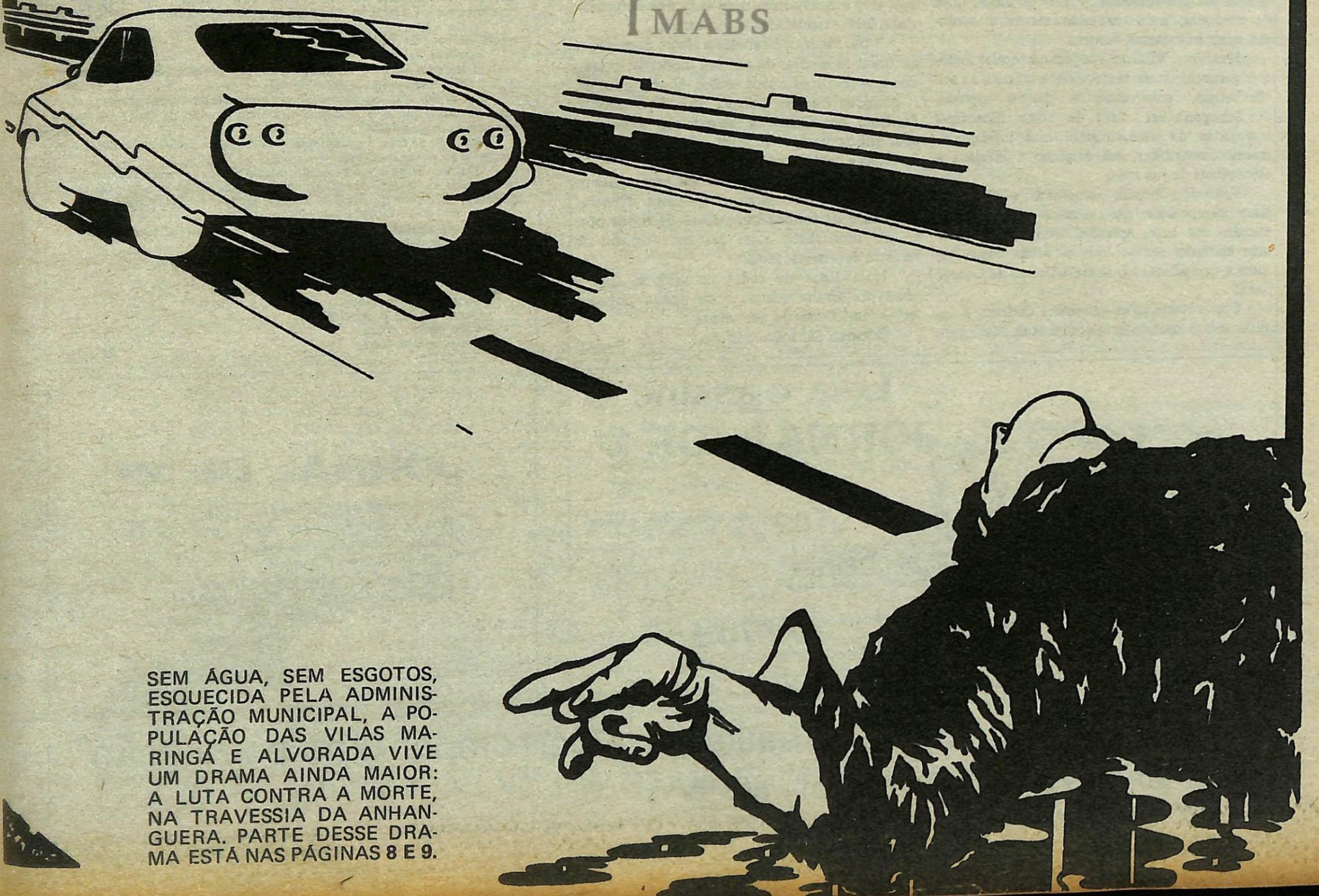


JORNAL DE 2^a FEIRA

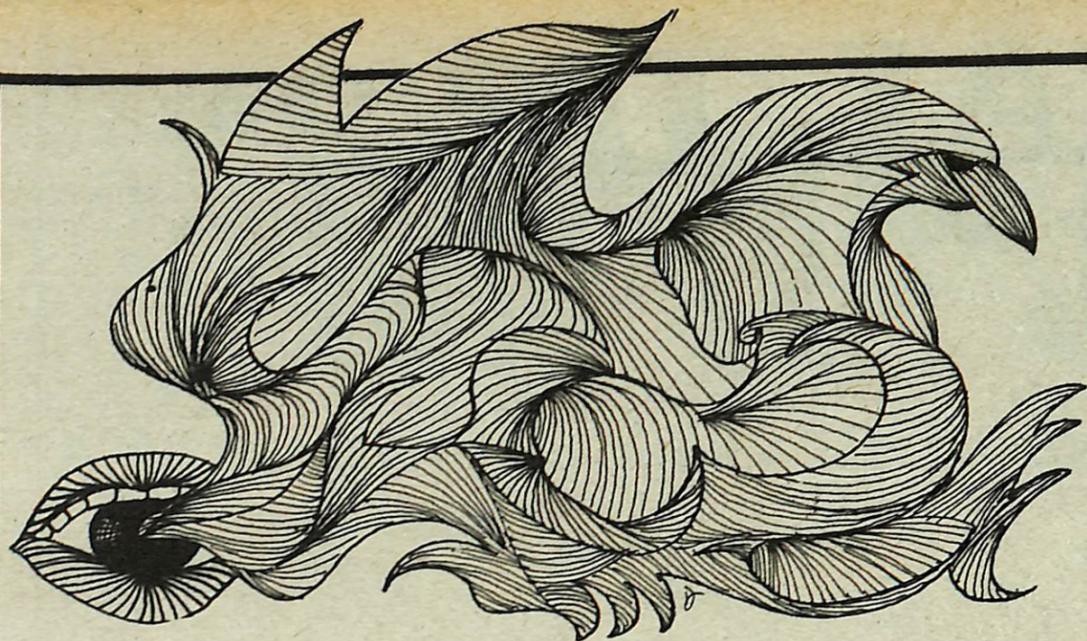
JUNDIAÍ, 26/7 A 1/8 DE 1976 ANO II N.º 56 Cr\$ 2,00

UMA PASSARELA, PELO AMOR DE DEUS!

A H
I MABS



SEM ÁGUA, SEM ESGOTOS, ESQUECIDA PELA ADMINISTRAÇÃO MUNICIPAL, A POPULAÇÃO DAS VILAS MARINGÁ E ALVORADA VIVE UM DRAMA AINDA MAIOR: A LUTA CONTRA A MORTE, NA TRAVESSIA DA ANHANGUERA. PARTE DESSE DRAMA ESTÁ NAS PÁGINAS 8 E 9.



“...A notícia carece de exatidão”

(Luiz Rey e Haroldo Barbosa, “Notícia de Jornal”)

Sócrates, filósofo grego, criador da maiêutica (a dúvida que conduzia à verdade), mestre de grandes filósofos, corrompia a juventude.

Santo Agostinho, teólogo que sistematizou o cristianismo, redescobridor do platonismo, dono de grande sabedoria, cometia o pecado da gula e acabou engordando tanto que era obrigado a sentar-se a uma mesa especial, cujo tampo possuía uma reentrância que abrigava sua vasta barriga e lhe permitia aproximar-se dos alimentos.

Dante Alighieri, precursor do Renascimento literário, autor das maiores obras da literatura de todos os tempos, era emocionalmente um fraco, perdido de amor por Beatriz, uma mulher casada.

Michelangelo Buonarroti, das grandes esculturas, dos painéis incríveis em cor e imaginação criativa, traduzia seu homossexualismo nas figuras sempre másculas – quer de anjos, quer de madonas, todos excessivamente musculosos, anatomicamente homens.

Henrique VIII, do apogeu comercial inglês que garantiu, mais tarde, toda a cultura da era elisabetana, encarcerou e matou esposas.

Schopenhauer autor de obras filosóficas carregadas de chauvinismo, mas inteligentemente construídas, era edipiano e invejava a inteligência de sua mãe.

Frederic Chopin, romântico e patriotíssimo compositor das grandes peças que o mundo, até hoje, aplaude, vivia às custas de uma estranha mulher que se vestia como homem e que adotava o nome artístico de George Sand.

Oscar Wilde, que comoveu Oxford, a Inglaterra e o mundo intelectual com suas obras

de literatura, usava os cabelos e trajés femininos, amava um homem, a quem escrevia apaixonadas cartas.

Gauguin, o pintor das sensualíssimas mulheres-deusas de pele parda, abandonou a esposa e os filhos para levar uma vida de selvagem no Tahiti.

Edgard Allan Poe, inigualável na literatura de terror, dono de uma imaginação que tornava o absurdo real, rabiscava contos às pressas para vendê-los e consumir o fruto das vendas em pileques homéricas.

Toulouse-Lautrec, o não-gênio que pintou a vida parisiense vivida fora das mansardas, que retratou flagrantes maravilhosos do povo da Cidade Luz, passava todas as noites em casas de tolerância, onde se encharcava de vício e absinto.

Florence Nightingale, mulher que dedicou sua vida à nobre missão de anjo dos enfermos, tinha fortes tendências homossexuais.

Pablo Picasso, o rebelde e alegre dominador de todas as escolas da pintura moderna, o criador que todos os novos estilos da arte plástica, o corajoso homem político que denunciou o fascismo em Guernica, abandonou a mãe de seus filhos para viver com outra mulher, em incríveis e caríssimos castelos.

Salvador Dalí, mestre do surrealismo, gênio da irreverência capaz de pintar fotograficamente os sonhos impossíveis de todos nós, é um sensualista cujas práticas atingem às raias da degenerescência.

Noel Rosa de todos os sambas, vida e alma do samba urbano e da poesia popular, bebia muito mais do que comia.

Gilberto Gil é maconheiro.

Erazé

CANTO CHORADO



Podem os derrotistas falar o que quiser. Mas que o Pereira é um cara fora de série, os fatos estão aí para provar.

Se tivesse deixado aqueles mandados de segurança impetrados pelos pagadores do predial confiados àqueles procuradores michurucas lá da Prefeitura, o Pereira e estas horas estava bastante atrapalhado sem dinheiro para a mesada dos “chupetas”.

O Elí pode ter custado uma nota violenta, como de fato custou. Mas, valeu...

Imaginem só se esses relapsos que o bajulador, retífico, o assessor anunciou como que não querendo pagar os tributos devidos ganhassem a parada no supremo! Já pensaram?

A’ esta altura do tempo o Pereira já andava longe e a curriola toda na rua procurando emprego. Que barbaridade.

Quando o Elí disse ao Pereira, meta a pua nos pagantes que eu aguento o tranco, não estava pregando no deserto. Aguentou mesmo. Aguentou, como vai aguentar de novo tão logo o Pereira venha a ser citado para se defender dos arreganhos de uma intempestiva Ação Popular que já está tirando o sono da Gutierrez.

Que ninguém duvide. Com o Elí a tira-colo o Pereira não perde o rebolado. Pode continuar, sem susto, as suas burradas até janeiro, deixando que os “caês” ladrem enquanto passa com a caravana. O importante é que a caravana continue abarrotada de ouro. Ouro para a Gutierrez, ouro para os “chupetas”, ouro para os jornais, ouro para o Elí...

Caso contrário, ou melhor, sem a aurifugente munição, como acontece nos filmes do faroeste, a caravana do Pereira cairá nas unhas dos aborígenes. Serio o massacre!

Mas não se intranquilizem. Como acontece com o Elí, as tetas da velha Petronilha também aguentam o tranco.

De sorte que, como vocês podem concluir, o Pereira não corre o risco de ver a sua vaca atolar-se no brejo.

Só uma coisinha atoa parece estar atrapalhando um pouco a vidinha pachorrenta do cujo. É o S. Vicente. O Reis está levando o pobre do S. Vicente para o buraco do endividamento.

Crédito, que é bom, “jamé”. Deve até a raiz dos cabelos. Não paga ninguém. N’outro dia compraram um aparelho. O vendedor, que já anda escalavrado, sentenciou: só à vista do tutú. Pois que seja, disseram. E assim foi que chegou o tal do aparelho.

Vinte e quatro, quarenta e oito, setenta e duas horas depois... e nada de tutú à vista!!!

Vocês já viram, não é?

O homem veio furibundo. Perdeu o rebolado. Passou a mão no aparelho e zás pelo caminho da volta.

Foi então que começou o zum-zum. Hoje, lá por dentro, só se ouve dizer que o S. Vicente está num fundão de onde não vai sair nem com guindaste.

Segundo se fala, é só isso que vem dando enxacuca no Pereira, porque o resto vai tudo bem.

Quanto à grita contra aquele asfalto fajuto que vem capeando os macacos só chegará depois de janeiro, quando os avisos para pagamento estiverem na rua e o Pereira já tiver batido a plumagem.

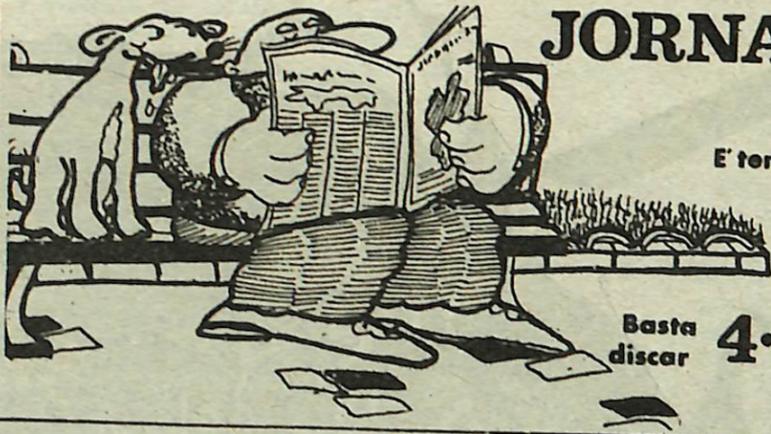
Aquele asfalto fajuto
Que vem cobrindo os macacos
Não leva mais que um semestre
P’ra expôr de novo os buracos

Quando isso acontecer
Quando o asfalto arrebrantar
Vai o povo receber
Um aviso p’ra pagar

Simão

Leia e assine o JORNAL DE 2ª.

É tempo de saber das coisas.



Basta discar 4-2759

JORNAL DE 2ª

Propriedade da Editora Japi Ltda.
Rua Senador Fonseca, 1044 - Fone - 4-2759
Redator Chefe: Carlos Veiga
Ilustração: Décio Denardi
Diagramação: Carlos Kazuo Inoue
Impressão: Departamento de Off-Set do
“Diário do Povo” Campinas

“Um só mestre de vícios basta para corromper uma população”.
Fernando de Rojas, “Celestina”, ato IV

Elcio Vargas

“O Brasil é hoje uma grande Jundiaí”

A frase que encima este comentário não é nossa. É de um dos mais fluentes políticos da República contemporânea — o senador Franco Montoro.

Em que pese o renome, a autoridade moral, o critério e o conceito peculiares ao eminente homem público, pedimos permissão para discordar.

Ou o senador desconhece o Brasil, ou nada conhece sobre Jundiaí no que tange ao confronto que estabeleceu.

Se positivada essa comparação entre o Brasil e a nossa terra, teríamos que convir que o Brasil é um caos moral, econômico e social. E por mais acre que possa ser a dosagem de pessimismo com que se pretenda encarar a situação nacional, jamais poderia ser nivelada a de uma cidade desastreadamente chefiada por um prefeito destituído dos mais elementares preceitos exigíveis à conjuntura administrativa de Jundiaí.

Aqui o povo se divide entre revoltados e descontentes com o atual estado de coisas. E o chefe, inteiramente desarticulado, se declara ameaçado de morte, buscando, por meio de disfarçada chantagem emocional, amenizar a malquerença que desfruta nos setores de atividade municipal.

O Brasil não é uma grande Jundiaí porque é uma nação que mantém íntegro e seu crédito, enquanto que Jundiaí, devendo até a raiz dos cabelos, nunca poderá pagar as suas dívidas sem o inaudito sacrifício da população que será, imperativamente, sufocada com novas sangrias tributárias para que possa fazer face aos compromissos que lhe pesam sobre os ombros.

Jundiaí em nada se parece com o Brasil, um país glorioso, seguro, tranquilo e acreditado, o que não acontece com a nossa terra onde o munícipe vive em sobressaltos, reagindo por todos os meios e formas contra os atos impensados de uma administração destemperada e desviada para os caminhos ímproos do endividamento, a fim de satisfazer a egolatria do alcaide que se empenha na construção de obras suntuárias em desfavor daquelas que estão sendo exigidas nas bases proletárias, onde as famílias não têm água, não têm esgoto, não tem luz, nem ruas transitáveis.

o descontentamento, que a Justiça vive cotidianamente acionada para interromper os descaminhos administrativos, que se dissipam fortunas com comidas pelos restaurantes e com publicidade de promoção pessoal, o que não é real, porque, em verdade, isso só acontece em Jundiaí.

Tire o Brasil dessa moldura. Esse retrato é só de Jundiaí.

REQUERIMENTO AO PREFEITO N:16

Entre uma das muitas fórmulas de passar por cima da lei e do policiamento público na aplicação do dinheiro dos impostos estão as contratações para serviços com firmas ditas de notoriedade pública, mas que às vezes entendem, menos que os funcionários municipais.

Com efeito, é permitido contratar serviços com pessoas ou empresas, dispensando-se a licitação, desde que se prove especialização e notoriedade pública e os serviços sejam considerados incomuns.

Para isso, todavia, são indispensáveis as devidas cautelas porque não iriam baixar uma lei para corromper ou demoralizar os costumes administrativos. A lei existe e, se respeitada, tudo bem.

Acontece que, por essa abertura que se fez para casos em que a concorrência pública seria inconveniente e com as melhores das intenções, passa tudo, passa gato e sapato, passa lebre e passa rato.

Os responsáveis pela pública administração passaram a adotar como praxe uma disposição baixada por exceções e sob a capa de notoriedade pública até firmas inteiramente desconhecidas são contratadas. Firmas com expedição de faturas iniciais são contratadas como de notoriedade pública. Uma aberração e uma vergonha. Com a proliferação do sistema milhões e milhões de cruzeiros são carregados para profissionais e empresas que fazem concorrência desleal a outros iguais ou superiores em qualidade e com vantagens de custo.

Sendo certo que a concorrência pública classifica os melhores, defendendo o erário público quanto ao preço, é justo que se indague as razões do sistema adotado em Jundiaí com a maior sem cerimônia e o maior descaso às leis e aos contribuintes.

É por demais apreciado na atual administração esse sistema porque se pode gastar quanto quiser e com quem for mais amigo ou simpático. Quanto ao valor ou mérito da empresa ou profissional e quanto ao custo, ninguém tem nada com isso, uma vez que o Prefeito decide soberanamente.

Sendo certo que está errado e, Considerando que a cada instante se estabelecem contratos sem licitação;

Considerando que o último se fez com uma empresa para estudar o trânsito de Jundiaí, não se sabendo que apito tocou até agora a Comutran, que não contou com verbas suficientes para seu funcionamento;

Considerando que a ser verdadeiro o valor do contrato com a empresa referida a cifra é tão alta que precisa ser justificada, pois, daria para contratar uma dúzia de técnicos do mais alto gabarito e colocá-los à disposição da Comutran por um ano inteiro;

Considerando que não é justo responsabilizar as autoridades por falta de segurança na Avenida 9 de Julho, quando a causa principal é a falta de obras de arte, cuja responsabilidade deve ser debitada à Sotafe que também foi contratada sem concorrência para planejar o sistema viário, ganhando mais do que toda a arrecadação do Imposto Predial de 1973 e 1974;

Considerando que o quadro de pessoal da Prefeitura nunca contou com tão grande número de engenheiros e advogados e se não é capaz de realizar serviço algum, também não se explica qual a razão de sua existência;

Considerando que se conhecem contratos inúmeros para serviços como, contabilidade do Hospital, organização das unidades de saúde, ornamentação do Parque Municipal, Plano Diretor, defesa da Prefeitura sobre ICM, execução dos lançamentos de impostos, entrega de avisos, defesa da Prefeitura no judiciário, propaganda do Prefeito, extinção de ratos, estudos da capacidade de endividamento da P.M., etc, etc.

Considerando que uma administração municipal inteiramente voltada para para o interesse público, somente contrataria firmas especializadas, de notoriedade pública, quando fossem inteiramente inconveniente ou impossível uma concorrência pública.

REQUEIRO, para que fique evidenciado onde vai indo o dinheiro dos impostos, digne-se o sr. Prefeito informar:

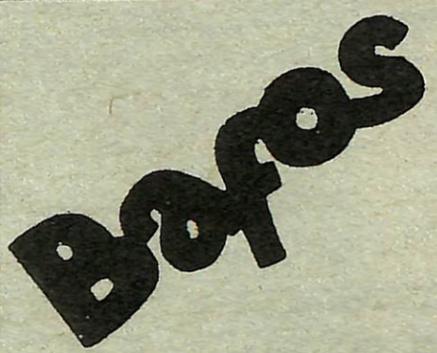
1) Na atual administração quantos contratos foram firmados sem licitação, discriminando-se:

- a) firmas ou profissionais;
- b) valores;
- c) serviços.

2) pode esclarecer se, para cada caso, há processo específico onde fique provada a especialização e notoriedade de cada um?

Nota: ainda não recebemos qualquer respostas aos requerimentos n.os 1,2,3,4, 5,6,7,8,9,10,11,12,13,14 e 15.

Virgílio Torricelli



Segredo: o esforço da Telesp em instalar os novos telefones se deve a um programa, segundo o qual os aparelhos deverão ser entregues ao público pelas mãos de políticos e candidatos da Arena. O prazo, é lógico, é antes da eleição.

Nome que se ouve com muita frequência, na cidade e nos bairros, é o do vereador José Rivelli. Pelo comentários, a sua volta ao Legislativo é indispensável, pelo interesse que sempre demonstrou na defesa da moralidade administrativa e, sobretudo, pela sua categoria de homem que jamais cedeu a movimentos de pressão, dando ao seu voto uma qualificação invejável, nos dias atuais.

Segundo os observadores mais críticos, a candidatura Pedro Fávoro deverá ser mantida, já que o prefeito considera, hoje, que os votos de Fávoro serão a base de legenda que seu candidato, Arnaldo Reis, necessita para se eleger. Segundo eles, Pedro Fávoro poderá ser o grande cabo eleitoral de Arnaldo Reis.

Aurélio Santucci, Ercílio Carpi, Aristides Belezoni, Mario Francisco Gonçalves e Celso Francisco de Patlla já estão percorrendo seus redutos eleitorais, levando o nome do Dr. Cid e os seus próprios, num grande esforço da sublegenda MDB-2. “Vai dar MDB, na cabeça”, é o que eles estão dizendo.

“Um só mestre de vícios basta para corromper uma população”
Fernando de Rojas, “Celestina”, ato IV

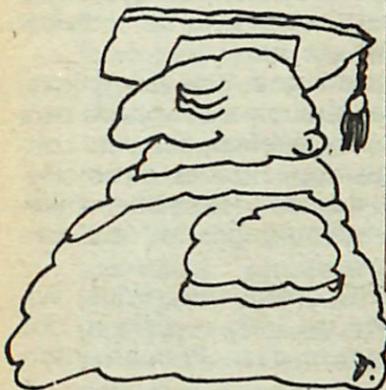


UM PEDIDO AO SEGUNDÃO: VAMOS MELHORAR?

"Tenho cá minhas dúvidas sobre o destino desta carta, que prefiro não assinar. Entretanto, por ser uma crítica sincera e honesta, acredito que será bem mais útil que qualquer elogio barato que os senhores receberam. Afinal, penso eu que às vezes uma carta anônima tem mais valor do que uma com nome, endereço, cic, RG, etc. e que não diz coisa alguma.

Bom, deixando a conversa mole de lado, vamos ao que interessa: é sobre os erros que tenho notado nesse jornal. Outro dia, na seção "Variedades", os senhores escreveram "quilohertz", quando é certo é "kilohertz". Isso, sem falar nos erros de revisão ou tipografia - sei lá, nunca fui jornalista - que aparecem frequentemente (exemplo: crioulo, em vez de crioulo). Gosto desse jornal mas fico irritado quando vejo erros nele. Dá para melhorar aí, Segundão?" Anônimo

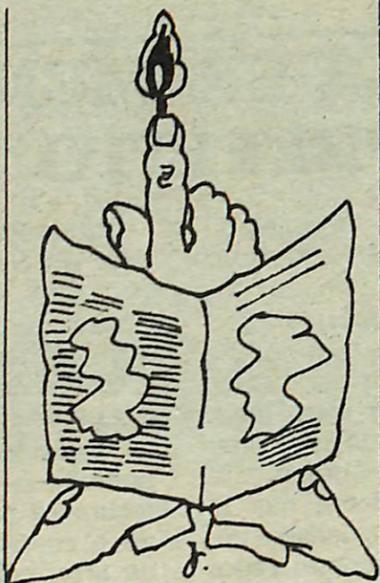
Bom, quanto aos erros de revisão, o senhor tem toda a razão. Agora, na parte de referente ao "kilohertz", já estamos pedindo ao sr. Aurélio que acerte o erro na próxima edição de seu dicionário. Foi falha dele.



LIGAÇÃO ERRADA

"Os senhores seriam capazes de me informar o nome da pessoa que faz a coluna "Papagaiada"? Acho a sessão um barato". Eurílio Maranhão

Não é aqui, meu senhor. Coloque o fone no gancho por alguns instantes, retire-o novamente e disque de novo. Boa sorte.



MAIS PERGUNTAS SOBRE O JORNAL: ATÉ QUANDO?

Tenho notado algumas novidades nesse jornal. Novas sessões, como "Pessoas" (parabéns, Carlinhos Pierobon!), "Variedades" etc. Isso está desfazendo uma dúvida que eu tinha comigo há algum tempo: se o jornal está procurando se renovar, é sinal de que ainda vai durar muito. Estou certo?" Lourdes

O que é que a sr. acha, dona Lourdes? Hein? Hein? Hein?

"Embora com atraso, parabéns pelo primeiro aniversário do Jornal de 2a. Tenho comprado esse jornal todas as semanas e confesso que sua leitura para mim já virou hábito. Continuem" Sebastião Alípio

Guardamos seus parabéns para o segundo aniversário, sr. Sebastião. Até lá, vamos tocando a bola para ver o que acontece.



ESTÃO NOS ACUSANDO!

Sr. Pela presente acusamos o recebimento de exemplares do Jornal de 2a. Feira (junho a julho), editado por VV.SS., o qual muito apreciamos.

Agradecendo a sua atenção, desejamos êxito nos demais publicações.

Arq. Geraldo Vespaziano Puntoni - presidente

Arq. Teru Tamaki - diretor secretário

Sindicato dos Arquitetos de São Paulo

Que Deus os ouça, arquitetos!

O ASFALTO QUE SE DESMANCHA E A RESPOSTA QUE NINGUÉM DÁ.

Sr. Sou uma das cidadãs "agraciadas" com o asfalto da Rua Rangel Pestana. Acontece que, no dia seguinte ao da liberação da rua para o trânsito, bem diante da minha casa o asfalto esfarelou-se (tem um ponto de ônibus, ali).

Pensei em reclamar, mas achei mais justo aguardar talvez os serviços finais de arremate, ou coisa que o valha. Pois bem, já se passou uma semana e nada foi feito. Ora,

fico pensando que, se deve pagar por esse asfalto, quero pagar por alguma coisa bem feita e não por uma casquinha preta que se desmancha sem bater.

Foi então que telefonei para a prefeitura, tentando localizar o responsável que me informasse sobre a conservação do asfalto. Falei com cinco pessoas, inclusive da Gutierrez, e ninguém me informou coisa alguma. O funcionário da Gutierrez aconselhou-me a procurar o Gabinete do prefeito, onde eu seria "muito bem atendida". Respondi que talvez procurasse o "Jornal de 2a." Pra que! O homem respondeu que "aí, seria pior" para mim. Acontece que eu pago impostos e taxas e nada devo à Gutierrez. Por isso, resolvi escrever para vocês, fazendo a queixa contra o asfalto "leite Glória". Acho que o problema não é apenas meu e faço questão de registrar meu descontentamento.

Maria José de Molla, Rua Rangel Pestana

Esse problema vai se repetir durante 100 quilômetros, pagos o dobro do preço, D. Maria José. O asfalto deveria, portanto, ter o dobro da qualidade. Sua reclamação é justa, como tem sido justa a nossa crítica à dupla Ibis-Gutierrez.

A MODA DA CASA.

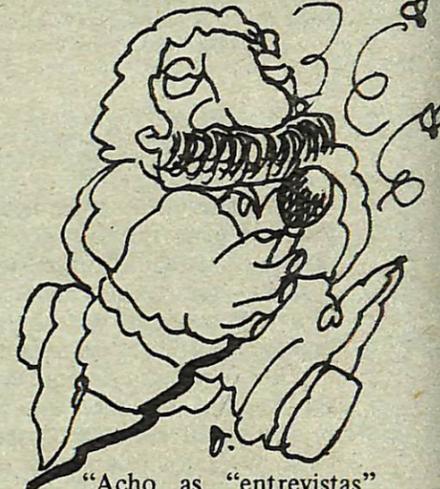
Sr. As alcalineidades do governo do sr. Alcaide já não nos causam tanta embriaguez.

Somos semi-sóbrios diante dos acontecimentos.

A lucidez maciça, só de vocês do Jornal de 2a. Feira podem nos oferecer. Obrigado!

Grupo de jovens admiradores.

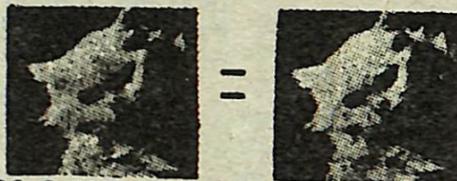
SUGESTÃO: O ASSESSOR, TODAS AS SEMANAS.



"Acho as "entrevistas" do Sandro com o assessor a melhor coisa desse jornal. Por que elas não saem todas as semanas? Outra sugestão: e se o Décio fizesse uma história em quadrinhos baseada no personagem?" L.V.

Consultado a respeito, o assessor ficou entusiasmado com a "visibilidade" da idéia.

FOTOCOPIADORA MALTONI



TEMOS O MELHOR SERVIÇO DE XEROX DA CIDADE

Rosário, 618

Fone - 6-8460

ADVOCACIA

Dr. André Benassi
Dr. Randal J. Garcia

ESCRITÓRIO

RUA BARÃO, 673
TELEFONE 4-3899

JUNDIAÍ-SP

ASSINE O JORNAL DE 2ª

Basta preencher os dados abaixo e enviar para a rua Senador Fonseca, 1044 - Jundiaí

Nome:

Endereço:

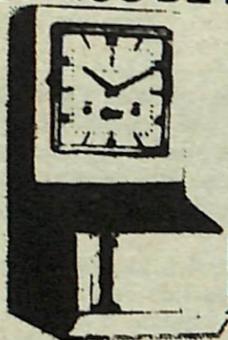
Cidade: Estado:

Anual - Cr\$ 120,00

Semestral - Cr\$ 70,00

Anexe um cheque nominal a favor da Editora Japi Ltda.

RELOGIOS DE PONTO ROD-BEL



revendedor autorizado em Jundiaí:

COMERCIAL

PANIZZA LTDA.

BARÃO-427
FONE: 6-8231

"Um só mestre de vícios basta para corromper uma população".
Fernando de Rojas, "Celestina", ato IV



OLGA MATHION EXPLICA

INGÊNUAS NOÇÕES ACERCA DA ACADEMIA.

Quarenta cadeiras! Quarenta patronas! Patronas e protetoras são palavras sinônimas. Quer isso dizer que quarenta figuras femininas, tanto das artes, como das letras, estão sendo escolhidas para proteger as respectivas cadeiras, das quais se farão representantes, por disporem de talentos ou de dotes tais que alcançam belos valores artísticos e não menos belos valores literários, valores que cultivaram no passado, que ainda cultivam no presente e que cultivarão pelo futuro a dentro.

Percebe-se que a Academia Feminina de Letras e Artes de Jundiá, com o seu nascimento em nossa terra, está responsabilizada de receber, sob a mais séria e mais régia convocação, tantas candidatas quanto está a exigir a delimitação de vagas criadas pelo Regimento que lhe é peculiar, para a composição de suas representantes. Isso encarece a observância, porém, de todas as perspectivas e de todas as exigências naturais e próprias, por cuja expansão cultural as candidatas procurarão produzir nuances culturais notórias e válidas como rendimento dos valores de que são dotadas.

A formosura da sensibilidade artística ou da sensibilidade literária será sempre um tesouro precioso resguardado pelo ideal que cresce e que fulgura nessa sensibilidade, sempre vivo e inextinguível.

Presume-se que foi sob o aquecimento dessas suas chamadas virtuais, ideal e sensibilidade, que se realizou a fundação da Academia Feminina de Letras e Artes de Jundiá, com quatro anos já de frutos consistentes.

É bom divulgar que a Academia tem funcionado num aspecto todo especial, em forma de Laboratório, onde o idealismo fulgura consciente e franco, sem jamais se deixar ultrapassar pelos labores comuns das rotinas que decorrem de experiências ordinárias e transitórias, naturais em entidades culturais ou associativas.

Em linhas gerais, os Regimentos de Entidades congêneres costumam estabelecer que ao se fundar uma Aca-

demia de Letras e Artes, limitam-se o número de Cadeiras e que, por morte do ocupante da Cadeira, os sucessores candidatos à vaga terão que se inscrever, em número limitado, para concorrer a ela, à vista de credenciais que, cautelosamente, exige o Regulamento.

Estas ingênuas noções acerca da Academia Feminina de Letras e Artes de Jundiá permitem seja revelado publicamente que o funcionamento como Laboratório Acadêmico, se traduz em que, das quarenta Cadeiras previstas e que deveriam ser ocupadas de imediato, foram sorteadas, inicialmente, trinta e cinco, cujas representantes são habituais às reuniões culturais e de confraternização sumária de contato humano-social.

A posse oficial e solene ocorreu em 5 de abril de 1975, quando as acadêmicas receberam os diplomas respectivos.

Das trinta e cinco ocupantes das Cadeiras já sorteadas, algumas são detentoras de medalhas, troféus, menções honrosas, por notoriedades culturais realizadas em Concursos e Seminários de promoções particulares e oficiais.

Em poder da Academia há uma relação de nomes femininos que estão concorrendo a sorteio para completar as representantes das últimas cinco vagas ainda abertas para as candidatas em torno de cujos nomes estão vinculados movimentos culturais de boa qualidade e promanados do cultivo das artes e da literatura em nossa Jundiá. Aliás, as vagas existentes, duas foram preenchidas recentemente, sendo que a posse das novas acadêmicas ocorreu no dia 10 de abril de 1976.

Nenhuma ocorrência de subestimação referente à Academia desvalorizar-lhe-a as bases estruturalísticas, vale dizer que a Entidade não sendo uma organização feminista, e regendo-se pelo idealismo à tona da sensibilidade artística e literária, jamais se desvinculará do aprimoramento que reúne estruturalmente artes e letras.

OLGA MATHION SENTE

A MENINA QUE VOCE NÃO VIU...

Foi assim que a vimos: Cercada por uma roda de meninas lindas e boas daquela rua... meninas que têm casas e alimentos, escolas e famílias... Formavam um espetáculo, lá na calçada: sentadas, em roda, e ela, no meio, quase sem roupas, descalça, de cabelos sujos e despendeados... e, o pior, subnutrida.

O vasilhame, com sobras do jantar da véspera (que não podia estar bom) à sua frente, tirava-lhe toda a consciência do ambiente, em torno. Perdeu até a noção da voz, presa de emoção pela presença, quem sabe, do bocado de alimentos de que era proprietária naquele momento... Veio a canequinha de água fresca, oferecida por uma das meninas... Não se dispunha a responder a nenhuma pergunta... tinha os olhos presos no alimento frio, que levava à boca com as mãos sujas...

Respondeu, apenas, num som esquisito, à pergunta referente ao seu



nome: - "Maria".

Comia, de olhos baixos. Parecia faminta. Toda ela, inteirinha - a menina que você não viu - era um painel de miséria ambulante...

Ameaçou bater nas outras, sem nenhuma razão... por nada... à toa! Certo o fez medrosa de que lhe tirassem o que comia! Tinha fome...

Quantos dias, quem sabe, não provava alimentação! Aquele instante, portanto, era seu, só seu: e todo o instinto de conservação de vida saiu, peremptoriamente, à tona de seu ser, mudando-a de estigmatizada pela subnutrição para belicosa defensora do resto de alimento que comia.

Os pais, por onde andariam? A procedência? A família?

Fez-se o silêncio novamente ao redor...

Muita gente passou naquela rua, naquela calçada, naquele dia... sem ver e sem olhar a menina que você não viu...

A AUTORA

Olga Mathion, que ocupa atualmente a cadeira n.º 8 da Academia Feminina de Letras e Artes de Jundiá, é poeta, cronista, romancista e professora de 1.º grau. Nasceu em Além Paraíba, Zona da Mata, Minas Gerais. Tem um livro editado "Flor de Maria", a professora primária. Está concorrendo em Porto Alegre com um romance que deverá ser editado após o término do concurso.

LEIA E ASSINE

O JORNAL DE 2ª

fone: 4-2759

Escritório
de
Advocacia

dr. ademercio
lourenção
dr. alcimar a.
de almeida
dr. francisco
v. rossi

Textos
Desenhos
Anúncios
Logotipos
Cartazes
Comunicação Visual

Rua Dos Bandeirantes 883
Fone 6-9066 Jundiá

DECIO DENARDI

"Um só mestre de vícios basta para corromper uma população"
Fernando de Rojas, "Celestina", ato IV



OS BONS IMÓVEIS ESTÃO AQUI

CASAS

VILA LIBERDADE - nova, living, cop-coz., banh. 2 dorm area de serviço, depend. p/ emp., abrigo, etc... 450 mil. Pode ser financiada. **Oferta: Ribeiro**

PARQUE DO COLÉGIO - mansão nova, com abrigo p/2 carros, living c/arm. e mais 1 banh., cop-coz., area de serviço, depend. p/emp., aquecedor central, etc. Pode ser financiada. **Oferta: Ribeiro**

SÍTIOS E CHÁCARAS

ANHANGABAÚ: - Area de terreno medindo 14x50, igual a 700 mt2, excelente local para prédio de apartamentos. Preço e condições nesta imobiliária. **Oferta: Recreio Lar.**

PARQUE DO COLÉGIO excelente localização, 3.200 m2, com 1 casa em construção e casa de caseiro, frente p/ 2 ruas. **Oferta: Ribeiro**

BAIRRO DO ENGORDADOURO - 36.000 m2 (em frente do Clube Jundiense) com 3 casas simples, lago (15x80), pomar, etc... lugar pitoresco. **OCASIÃO.** Aceita-se casa de menor valor, como parte de pagto. **Oferta: Ribeiro**

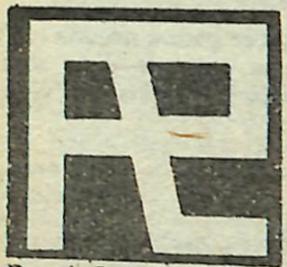
CENTRO: - Area de 1000 metros quadrados mais ou menos, local excelente para prédio de apartamentos ou salas para escritório, próximo ao Forum. Preço: Cr\$ 1.500,00 o mt2, estuda-se algumas facilidades. **Oferta: Recreio Lar.**

RIO ACIMA - Duas com áreas de 40.000 e 84.000 m2 A 1a. só com mata e água corrente, a 2a. com mata, 2 córregos, casa simples, pomar e uvas. Lugar pitoresco e recreativo. Distância de Jundiá 4 km. **OCASIÃO.** **Oferta: Ribeiro**

CHACARA DE RECREIO OU MORADIA: - Area de 700 mt2, casa sede com 4 dormitórios sendo um tipo apartamento, sala, cozinha, banheiro e outro apartamento ao lado, toda cercada formada com arvores frutíferas, gramado e lindos bosques com mesa para churrascos, lago com peixes, 5 nascentes, toda iluminada com instalações embutidas, telefone urbano. Preço: Cr\$ 1.200.000,00 com 50% de entrada e saldo a combinar. **Oferta: Recreio Lar.**

ANHANGABAÚ - área de 1.446 m2, ótima topografia. **Oferta: Ribeiro**

OS BONS CORRETORES ESTÃO AQUI



Recreio Lar
Imóveis e Administração
Av. Jundiá, 667
Fones 6-4108 6-5888



administração
e vendas

rua Mal. Deodoro da
Fonseca, 479
tel. 6-6388

ASSINE O JORNAL DE 2ª

RUA: SENADOR FONSECA Nº:1044 FONE:4-2759

COM RESPEITO AOS EMPRÉSTIMOS AUTORIZADOS A JUNDIAÍ, ORESTES QUÉRCIA FALOU NO SENADO QUE "SERÃO MALDITOS OS FUTUROS PREFEITOS". SERÁ QUE NO PASSADO FOI MELHOR? SOBRE ISSO, FALAM DOIS EX-PREFEITOS: OMAJR ZOMIGNANI E SEU SUCESSOR, MÁRIO DE MIRANDA CHAVES.

"ADMINISTRARIA COM ECONOMIA"

Eleito deputado estadual, Omayr Zomignani foi obrigado a deixar a prefeitura local, depois de três anos de governo, de 1960 a março de 1963. Na época fazia parte do PRT (Partido Republicano Trabalhista), que contava com apenas três vereadores e alguns colaboradores na Câmara, tornando difícil a aprovação de seus projetos.

Segundo Omayr, o orçamento em seu governo não ultrapassou a 1 bilhão de cruzeiros (antigos), sendo no primeiro ano de 160 milhões no segundo de 280, no terceiro de 350 e no quarto a prefeitura já estava nas mãos de Mário Chaves, alcançou mais ou menos 450 milhões.

"Já tive oportunidade de ser vereador por duas legislaturas, prefeito municipal e deputado estadual - diz Omayr - mas não seria candidato novamente, porque acho que outros devem também ter oportunidade de participação na vida pública".

Omayr disse ainda que se fosse prefeito, atualmente, teria que governar com os recursos disponíveis e com a máxima economia, pois a dívida do município é bem grande.



Zomignani: necessidade de economia

OBRAS DE SEU GOVERNO

Apesar da Câmara não ser majoritária, foram muitas as obras deixadas por esta administração. A primeira medida foi a de saneamento das finanças municipais, seguida da lei de criação do Plano Diretor de Jundiá e seu início, o plano de abastecimento de água da cidade, projeto de nova estação de tratamento desta, no alto do Anhangabaú e a doação do terreno e projeto para a construção do atual Forum de Jundiá.

Em convênio com o governo Estadual foram criados vários grupos esco-

lares na cidade e, juntamente com o Federal foi construído o Colégio Técnico de Jundiá, além da distribuição de 15 escolas na zona rural. Foram instalados na cidade 4 mil bicos, melhorando a sua iluminação, construída a estrada asfaltada de Jundiá a Campo Limpo e ampliado o terreno do Cemitério Municipal em 50% de sua área.

Omayr disse que, ainda no seu governo, foi construída a Casa da Lavoura, o viaduto sobre a Via Anhanguera e instalados telefones públicos nos bairros da cidade sendo feita também a retificação do Rio Jundiá.

"Quando assumi, o caso era gravíssimo".



"O caso era gravíssimo". Essas são as palavras de Mário de Miranda Chaves, para explicar como estava a situação da prefeitura em 1963, época em que assumiu a Prefeitura. Segundo ele, meia hora depois de ter ocupado o cargo, as empresas de ônibus foram procurá-lo para que fossem aumentadas as tarifas, o que não aconteceu e provocou ainda 4 dias de greve.

Mário foi vice-prefeito na chapa de Omayr Zomignani, sendo também membro do PRT (Partido Republicano Trabalhista). Por não ser o partido majoritário, isto ocasionava alguns problemas na Câmara, apesar de que seu presidente José Godoy Ferraz, procurar harmonizá-la para o bem da comunidade.

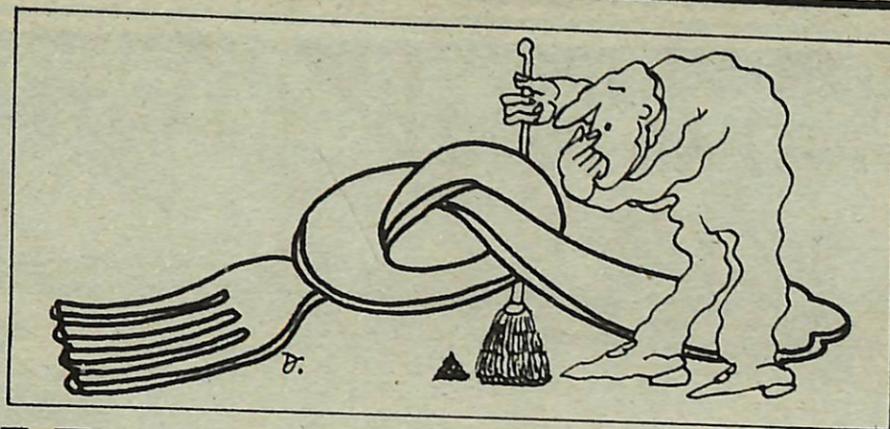
Durante o seu pouco tempo de governo, Mário procurou resolver os problemas de água, com a perfuração de poços artesianos que,

segundo ele "solucionaram a calamitosa situação dos bairros", criou a Guardinha Municipal, o velório obra muito conhecida na época, mas apoiada mais tarde, durante a gestão de Walmor Barbosa Martins.

Na ocasião, foi também proposto a ligação entre o centro da cidade e a Vila Arens, através de uma escada rolante no escadão, obra que não foi apoiada pela Câmara.

Mário disse que não seria candidato novamente, porque achou que hoje a campanha política dá muito desgaste para o candidato e essa luta, na sua opinião deve ser confiada aos jovens, para que estes possam participar mais ativamente da renovação política". Hoje - afirmou - o cargo de prefeito, pela importância do município, há necessidade de uma pessoa muito combatente e que enfrente os complexos da política atual".

"Um só mestre de vícios basta para corromper uma população".
Fernando de Rojas, "Celestina", ato IV



No ar, momentos de ciência.

Não sei direito se a parapsicologia é uma ciência, uma paraciência ou um programa de tevê.

Um tanto desinformado a respeito, depois de ter ouvido dizer que havia alguns heróis vomitando corações na tevê, crianças nascendo com asas, mulheres gordotas explodindo, acabei misturando as coisas. De qualquer maneira, me preparei para assistir a um estranho programa que a tevê ofereceu na semana passada, continuando na sua nobre e indelével missão de abrir clareiras na crassa ignorância pública. Inclusive — devo confessar — a minha, tão crassa e tão pública como qualquer outra.

Na verdade, por um problema de horário e por outras questões, raras vezes tenho a felicidade de desfrutar da generosa sapiência eletrônica que a tevê distribui fartamente a todos aqueles que, por sorte, não têm o que fazer à noite.

Seria exagero dizer que a última vez que vi tevê, voluntariamente foi naquele fatídico domingo em que Lato, um veloz e esperto jogador polonês, passando pelas costas do catastrófico Alfredo, chegou cara a cara com Leão para enfiar-lhe a bola pelas ventas. Mas se eu tenho tevê, confesso, devo essa riqueza às peripécias da Copa do Mundo. Só elas tiveram a força de persuasão suficiente para convencer-me a colocar a mídia eletrônica na minha sala de estar.

Mas o fato é que ela está lá, impávida e colossal, e por mais incompreensíveis que me soem as coisas que se dizem através delas, às vezes sou impelido a usar seus favores.

Na semana passada, pois, havia uma zoeira por toda a cidade e por todo lugar a respeito de estranhos fenômenos que seriam mostrados pela tevê. Ouvi, inclusive, em algum lugar, um apelo para que se colocassem colheres e relógios quebrados em frente ao aparelho. Havia uma expectativa frenética em todas as partes. Nas ruas os rostos das pessoas estavam sulcados pela angústia, uma indisfarçável angústia.

Tive a impressão de que estava para acontecer alguma coisa

espetacular.

Quando cheguei ao meu local de trabalho, habitado por uma multidão de céticos profissionais, notei estranhos brilhos nos olhos mais incrédulos.

— Você vai lá na sala ver o homem?

— Está quase na hora de começar.

— Trouxe o relógio? Mas ele não funciona há muito tempo?

Os estranhos diálogos prenunciavam momentos de emoção. Havia um ar de suspense, era impossível disfarçar.

Na sala a tevê colocada como um santuário, dezenas de pessoas em volta. Em frente do aparelho, as peças mais estranhas: colheres, um compasso, relógios, garfos, volantes de Loteria Esportiva, régua de cálculo e até — juro — uma camisa do Corinthians, velha e rasgada como o próprio.

O que aconteceu depois, não sei dizer ao certo, se era um excerto de "Amaral Neto, o Repórter", um show de vaudeville ou um quadro do programa Sílvio Santos.

O rapaz chamava-se Uri Geller e era extremamente simpático, bem falante, com um inglês pronunciado irretocavelmente.

O auditório dividiu-se em debochados incrédulos e devotos convictos. Alguns diziam que a parapsicologia é uma ciência, outros que não passa de charlatanice: que o cara é um artista, que o cara é um vigarista; que é um para-normal, que é um normalíssimo vivaldino.

Não quis me envolver em nenhum dos dois grupos conflitantes. Embora pressionado com as sábias e profundas explicações científicas de alguns simpatizantes do para-normal, preferi, creio que por absoluta e confessa ignorância a respeito, a serena e abalada conclusão do faxineiro que estava ao meu lado.

— Quero ver esse cara no banco do Corinthians, no lugar do Filpo, e gritar FUNCIONA! Se funcionar, daí eu acredito.

Ele virou as costas e se retirou indignado. Acho que ele era cético porque não tinha relógio.

tério Público — ou seja, o bacharel (doutor?) José Renato Cursino de Moura deverá ser qualificado e indicado como autor de homicídio.

IV

Possuo preciosas informações sobre o affaire, algumas das quais off-the-record. Entretanto, o dever de manter o público bem informado num caso como esse, em que a desfaçatez pode nos levar a desacreditarmos dos critérios, por vezes estranhos, adotados para alguém ser apenado ou não, me força a fazer importantes revelações algumas das quais serão juntadas aos competentes autos:

a — Os "Ladrões" que praticaram esse "assalto" atiraram contra a moça seis vezes, utilizando a mesma arma — um potente revólver calibre 38. Não fizeram contra o ilustre bacharel e também nada roubaram. Além disso, como eram dois, fizeram um vai-vem com a arma.

b — O delegado Paulo Fortunato, que atendeu a ocorrência, logo desconfiou desse tipo sui-generis de crime contra o patrimônio e contra a pessoa. Determinou que o bacharel fosse à Polícia Técnica (atual Divisão de Criminística) para fazer exame das mãos, quando se poderia constatar se haviam sinais de pólvora ou não. Em suma: queria saber se o bacharel era o autor dos disparos.

c — estranhamente, um desembargador interferiu e fez questão de acompanhar o suspeito. E, curiosos, durante o caminho o bacharel lavou as mãos, com complacência do alto funcionário do Palácio do Tênis. Os peritos, não ingênuos, como o bacharel imaginava, não fizeram o exame, "por não ter sido preservada a área". O inteligente bacharel pretendia fazer o exame e obter um resultado negativo, peça muito importante para a manutenção de sua estória...

Finalmente, outro juiz (não o mesmo que determinou o sobrestamento da reconstituição do crime várias vezes marcada e nunca realizada, por que o bacharel Cursino foge dela sistematicamente) entendeu que tudo estava mal formulado. A nossa Carta Magna determina que dar-se-á habeas-corpus "sempre que alguém sofrer ou se achar ameaçado de sofrer violência ou coação em sua liberdade de locomoção por ilegalidade ou abuso do poder". No pedido de habeas-corpus, o bacharel indiciado diz que está sendo vítima de constrangimento ilegal, quando — na verdade — a autoridade policial está cumprindo o seu dever legal. Não há constrangimento algum.

Acredito que, desta vez, o grande inseto ficará enroscado na teia de aranha. É bem verdade que para isso foi necessário um encontro entre o titular da pasta da Segurança e o senhor presidente da mais alta Corte de Justiça...

Mas isso já é um outro caso, que fica para outra vez...

Percival de Souza

(In memoriam de Rosa Maria de Toledo Maluf Paulo, jovem de 31 anos de idade, assassinada em São Paulo, com seis tiros de revólver, na noite fria de 19 de junho de 1975):

Há pouco tempo, eu me referi ao caso, aqui no Jornal de 2a, citando o envolvimento do advogado José Renato Cursino de Moura, que diz ter sido assaltado, quando estava com a moça em seu Chevette bordô. Polícia, promotor e juiz da 1a. Vara Auxiliar do Júri da Capital, entretanto, acham que houve homicídio e que, na verdade, o advogado tentou simular um la-trocínio.

II

No comentário sobre o assassinato de Rosa Maria, citei uma frase de sábio pensador ("as leis são como teias de aranha; os pequenos insetos prendem-se nelas, e os grandes rompem-nas sem custo") Essa convicção se ajusta ao comentário que há muito circula nos corredores policiais e forenses: a prisão estaria reservada apenas para aqueles dotados de tez mais escura, para os menos aquinhados com o vil metal e para aqueles que, contraditoriamente, afirma-se terem "vida fácil".

Tanto Anacarsis como os comentários de policiais, magistrados, representantes do Ministério Público e outros ligados de qualquer forma à rede de esgoto social que movimenta uma fantástica máquina e lotas as prisões, se encaixam perfeitamente ao caso de Rosa Maria. De fato, estranho fluídos protetores e complexas formas de tráfico de influência impediram, até aqui, o enquadramento do bacharel José Renato como um cidadão incurso nas penas do artigo 121, caput, do Código Penal vigente.

Ausente do Jôquei Clube, onde possui seis belos cavalos, o bacharel em questão continuou a cultivar o hábito de saborear custoso scotch, embora — para efeitos legais — esteja "traumatizado e impedido de comparecer a qualquer ato policial ou judicial". Conseguiu, inclusive um atestado médico, assinado por um discípulo de Hipócrates (outra anta de branco?) com afirmativa desse tipo, o que — pelo menos, ao que me consta — contraria inteiramente o código de ética médica. (Espero que o tão zeloso Conselho Regional de Medicina tome posição a respeito, poque o referido atestado afirma que o bacharel está "traumatizado em consequência de assalto do qual foi vítima").

III

A evidência das provas é tamanha que o juiz Alvaro Dias Barrense, em recente decisão, decidiu mandar de volta o inquérito à Polícia (Seccional Oeste, Capital) para que seja cumprida a cota do representante do Minis-

"Um só mestre de vícios basta para corromper uma população".
Fernando de Rojas, "Celestina", ato IV



ENFRENTAR A MORTE TODOS OS DIAS. ISSO É VIDA?

Imploradas, prometidas e projetadas há muito tempo, as passarelas sobre a via Anhanguera ainda não foram construídas. Alguns dos que mais necessitam dessas vias de acesso já perderam suas esperanças, outros ainda as mantêm. Mas muitos jamais as verão porque morreram atravessando a perigosa rodovia.

Periodicamente, os jornais diários (com maior ou menor estardalhaço) noticiam a morte de alguém atropelado na Anhanguera. Os locais, quase sempre, são os mesmos: Vila Maringá, Vila Alvorada e bairro Santo Antonio (defronte ao Posto Videira).

Agora, quase ninguém mais se preocupa em procurar algum culpado pela morte de parentes, mas não é preciso investigar com

muita profundidade para se chegar aos verdadeiros responsáveis.

O Poder Público terá de carregar sobre suas consciências muitas mortes, pois se não conseguiram a construção das passarelas foi principalmente pela falta de representatividade popular.

Os políticos locais, por muitas vezes, estiveram frente aos poderes estaduais reivindicando as passarelas. Mas nada ocorreu. Houve promessas, é claro, de que o problema seria estudado. Há pouco mais de um ano, na própria Secretaria dos Transportes, foram mostrados os estudos das passarelas.

Em mapas coloridos, já estavam inclusive escolhidos os locais para a construção, o dimensionamento e quase todas as

providências técnicas resolvidas. Aparentemente, aquilo foi apenas uma satisfação que deram à comitiva local, pois as obras não se realizaram, apesar de todos saberem da necessidade.

A inércia administrativa continua, assim como continua morrendo gente na Anhanguera. Os pedidos dos representantes da cidade significaram tão pouco que nem ao menos os organismos estaduais se dignaram a dizer depois o porque das passarelas não terem sido feitas.

Paradoxalmente, esses mesmos políticos conseguem endividar a cidade, atropelando o orçamento real do município com empréstimos que chegam ao fantástico para fazerem obras não prioritárias. Enquanto a periferia da cidade sofre com

falta de água, a Prefeitura asfalta o centro; enquanto o saneamento básico se constitui num grave problema, a Prefeitura faz um outdoor na entrada de Jundiá, arrogando ser esta a cidade da boa alimentação.

Com tantas mentiras seria de esperar que o exercício da política como legítimo caminho para atender as necessidades populares, sofresse tantos reveses. Algumas passarelas, simples e úteis, nossos homens públicos não conseguiram.

Para documentar a ineficácia dos nossos políticos e o drama daquela parte da população, o Jornal de 2a., foi buscar alguns relatos de amigos e parentes de vítimas da Anhanguera. Eles contaram os acidentes entre queixas e apelos: uma passarela, pelo amor de Deus

NESTES BAIRROS FALTA TUDO. MENOS O PERIGO.

Tangidos pelo crescimento da cidade, muitos dos novos bairros foram obrigados a se localizar além — Anhanguera. Alguns deles tiveram a sorte de ficar perto de viadutos, outros não. E são estes últimos que mais sofrem pela falta de um acesso para atravessar a pista.

A população desses bairros, além da falta de obras de infra-estrutura, tem de suportar, vez ou outra, a notícia da morte de algum parente ou amigo.

A Vila Maringá é um exemplo típico. Lá, um rapaz falou: "na minha família ninguém morreu não, moço, mas procure por aí que tá cheio de gente que perdeu algum". Rebuscando na memória, sempre os moradores se lembram de conhecidos que morreram. Uns por imprudência, outros porque não chegaram a ter tempo de adquirir a tarimba necessária de calcular corretamente a velocidade dos veículos para atravessarem.

Para os moradores da Vila Al-

vorada, quando chove, é um grande problema. Os ônibus não conseguem alcançar o bairro e para evitar de dar um grande volta para chegar aos coletivos até o ponto onde eles têm acesso, muitos arriscam-se a atravessar a Anhanguera. Alguns não voltam mais para casa.

A situação no bairro Santo Antonio melhorou um pouco para os estudantes quando foi implantada a linha de ônibus. Mas não é suficiente

e, às vezes, eles são obrigados a cruzar a pista. Além disso, o bairro é cortado pela rodovia. Para fazer compras ou tratar de outros assuntos, os moradores têm de se submeter à aventura de enfrentar os veículos em alta velocidade. A maioria passa, mas periodicamente fica um corpo estendido no asfalto.

Nesses três bairros, uma opinião não é de consenso: as passarelas são vitais, na mais plena acepção da palavra.

**"Um só mestre de vícios basta para corromper uma população".
Fernando de Rojas, "Celestina", ato IV**



Marlene, de toalha no pescoço, relatou o acidente em que perdeu seu pai.



Maria Eva assistiu ao atropelamento de sua mãe. Por ironia da data, era o Dia das Mães.

Benedito, na janela do humilde barraco, falou da morte de seu pai.



Para a avó de Claudinei, Maria Leonor (foto abaixo), a tarde de 12 de março foi uma tragédia.



† 12-5-74

Claudinei Roberto Gregório, um garotinho de apenas 3 anos e meio, estava com uma conhecida de sua família, que mora nos fundos do Bar e Lanches Coimbra, na Vila Maringá. Eles já estavam na ilha do meio da Anhanguera, quando o menino, separou-se da moça e correu, tentando atravessar a rodovia.

† 12-5-74

Os olhos verdes de Maria Eva de Souza chegam a refletir até um certo conformismo quando fala da morte de sua mãe, atropelada quando ambas estavam atravessando a Anhanguera, também defronte ao Posto Videira. Isto foi no Dia das Mães de 1974, 12 de maio.

Antonia Benedita Candida, de 50 anos, e a filha Maria Eva estavam com algumas malas e, possivelmente por causa disso, a senhora quis atravessar mais rapidamente. Ela não chegou do outro lado

† 21-8-72

Dois irmãos, gêmeos, saíram de sua casa no dia 21 de agosto de 1972 para cortar cabelo. Eles atravessaram a Anhanguera, perto do Posto Videira. Quando já estavam no acostamento, um caminhão basculante atropelou-os.

Anilton nunca completaria os 17 anos que seu irmão Hamilton faz neste ano. Ele morreu na hora e seu irmão, por um feliz acaso, recebeu apenas ferimentos leves.

† 28-3-75

Todos que conheceram Romeu Malvasi dizem que ele era um bom homem. Calmo, sempre sóbrio e uma ótima pessoa. Tinha 50 anos e na Sexta-Feira Santa do ano passado, ele saiu de casa para ir à missa. Atravessando a via Anhanguera, defronte ao Posto Videira, um carro atropelou-o, matando-o instantaneamente.

Luiz Malvese, um dos moradores do bairro, viu o acidente e disse que nada disso aconteceria se houvesse uma passarela no local.

† 24-6-76

Benedito é um garoto esperto. Tem 12 anos e mora com sua família num barraco de pau-a-pique na rua Landrina, 403 - Vila Maringá. Ele não assistiu ao acidente que matou seu pai Joaquim Padro dos Santos, de 49 anos, no dia 24 de junho último, mas sabe como aconteceu.

Segundo o menino, seu pai foi levar documentos até uma indústria para acertar seu emprego e começar a trabalhar. Os documentos ficaram espalhados na via Anhanguera

† 22-5-66

Marlene Gotardo, uma moça de uma família de 15 pessoas da rua Maringá, 41, fala da morte de seu pai no dia 22 de maio de 1966: - Ele tinha saído para comprar cigarros, e acabou atropelado perto do viaduto. Meu pai costumava atravessar a pista, não sei como foi acontecer.

O pai, Luiz Gotardo, tinha 51 anos.

† 25-1-68

Pouco mais de dois anos foi o tempo entre os atropelamentos de dois membros da família de Manoel Firmino Batista: o dele mesmo e da filha Cícera. Moradores da Vila Alvorada (rua 9), eles tinham alguma experiência na travessia da Anhanguera, o que não foi suficiente.

As outras filhas Edite e Neide (ao todo são 9 filhos) contam que Cícera, no dia 25 de janeiro de 1968 já tinha atravessado e andava no acostamento. Na ocasião, um Volks "fechou" o ônibus do antigo DEMA e o coletivo apanhou-a. A morte foi instantânea.

O atropelamento do pai foi no dia 12 de outubro de 1970, no final da tarde. Manoel, que tinha 46 anos, estava voltando para casa. Conseguiu passar antes de um caminhão. Mas vinha um carro em maior velocidade que ultrapassou o caminhão e colheu-o.

Sobrevivente



São poucos os que sobrevivem para contar a história do próprio atropelamento na Anhanguera. Geraldo Fleming de Assis, de 42 anos, é um desses poucos. Morador na rua Paranavaí, Vila Maringá, ele é casado e pai de dois filhos.

Geraldo saiu para trabalhar na manhã do dia 15 de fevereiro deste ano. Atravessou a pista com sua bicicleta e começou a andar pelo acostamento. De repente, sentiu-se mal e bateu na bicicleta de um amigo que estava a seu lado.

Sem controle, acabou entrando na pista, ocasião em que foi colhido por um Corcel. Bastante ferido, foi socorrido e sua fratura na perna (ele quebrou também o braço) teve de sofrer uma operação recentemente.

POSTO VIDEIRA, OU MELHOR, PRONTO-SOCORRO.

Os proprietários do Posto Videira, Sérgio e José Benassi, são os responsáveis pela maioria dos socorros prestados aos atropelados na Anhanguera defronte ao estabelecimento. Para eles, a maioria dos casos é por causa da imprudência das vítimas. Por outro lado, acham também que a rodovia é perigosa demais.

Os comerciantes dizem que é extremamente necessária uma passarela, por causa do grande número de crianças que estuda e precisa atravessar a pista com isso.

“Um só mestre de vícios basta para corromper uma população”.
Fernando de Rojas, “Celestina”, ato IV

MDB-2 propõe plataforma popular em Campo Limpo Paulista.

Depois de terem seus nomes homologados pela convenção, os candidatos do MDB-2 de Campo Limpo Paulista iniciaram seu trabalho junto ao eleitorado da vizinha cidade, revelando grande empenho em confirmar os prognósticos de que a luta pela prefeitura deverá ser entre os candidatos do partido opositorista.

Como principal handicap a favor da sua chapa, os postulantes do MDB-2 têm o fato de terem suas atividades muito ligadas aos meios operários e junto à população dos bairros periféricos de Campo Limpo.

Mario Buckvieser, candidato a prefeito, embora esteja aposentado, exerceu a função de chefe do ambulatório médico da Krupp por quinze anos. Antes, foi chefe de segurança da Cia. Antartica Paulista. Ex-combatente da FEB — Força Expedicionária Brasileira, Mario Buckvieser é formado em Enfermagem do Trabalho.

Seu vice é Orlando Biasin, formado em Enfermagem pelo Hospital Distrital de Brasília, técnico em radiologia e, atualmente, ocupa o cargo de encarregado do ambulatório da mesma Krupp onde trabalhou Buckvieser.

Falando ao "Jornal de 2a.," Mario Buckvieser expôs as principais metas de sua plataforma política, com a qual disputa a prefeitura de Campo Limpo.

PREOCUPAÇÃO COM BAIRROS, PRINCIPALMENTE

"Como candidato pela legenda do MDB, estou pretendendo dar uma palavra de esclarecimento e um propósito de trabalhar pelo engrandecimento do município", afirmou Buckvieser.

E prosseguiu: "Se eleito, diligenciarei pela instalação de uma escola profissional de nível médio, destinada a formar ferramenteiros, mecânicos, torneiros, etc., mão de obra de que a cidade necessita e oferece condições de trabalho.

"Instalarei, em locais próprios, parques infantis e uma creche, estabelecimentos de que há muito a cidade reclama. Levarei aos bairros populosos de Santa Catarina, Jardim Europa, Botujuru, Jardim Vitória, Jardim Guaciale, Jardim Marchetti, Figueira Branca, Campo Verde, Pau Arcado, os serviços de água encanada e esgotos.

"A periferia urbana deverá receber completo sistema de iluminação e limpeza pública, assim como postos telefônicos".

Algumas obras são alinhadas por Buckvieser como prioritárias: construção imediata de um viaduto ou passarela sobre os trilhos da FEPASA, a fim de eliminar acidentes, em sua maioria graves, e evitar as perturba-

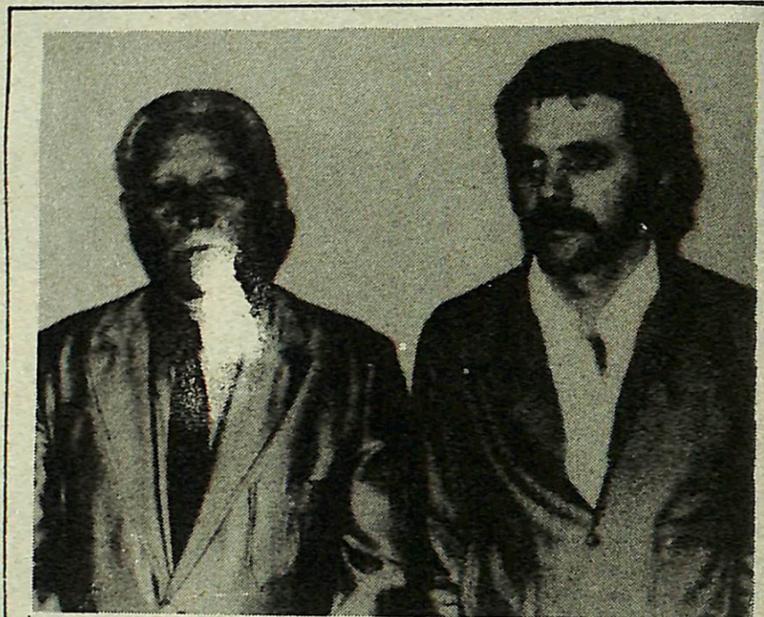
ções no trânsito de automóveis. Ampliação e reajustamento no Serviço Social da prefeitura, fazendo-o atuar em todos os bairros, objetivando dar aos munícipes carentes de recursos assistência médica, dentária, farmacêutica, alimentar, etc.

"Serão estudadas as construções de passarela ligando a Vila São Paulo e Santa Lúcia, prossegue Buckvieser, e obras de galerias para o perfeito escoamento das águas pluviais além de colocação de guias e sargetas nas localidades que reclamam tais melhoramentos. Depois disso, pavimentação.

"Algumas providências da minha futura administração são, desde já, necessárias e muito reclamadas. A regularização da guarda-mirim e da guarda-noturna é uma delas. No setor esportivo, muita coisa poderá e deverá ser feita para que o esporte encontre seu legítimo lugar em nossa cidade.

Finalizando, diz Buckvieser que pretende a instalação do Pronto-Socorro municipal que deverá funcionar 24 horas ao dia, no atendimento de toda a população.

Presente à entrevista de Buckvieser e Biasin esteve o candidato a vereador Benedito Estanislau de Lima, metalúrgico da Krupp e responsável pela seção de Forjaria. Ele é um dos candidatos que compõe a sublegenda MDB-2 de Mario e Biasin.



Mario Buckvieser e Orlando Biasin encabeçam o MDB-2 de Campo Limpo. A proposta deles é uma plataforma popular.

O DEMAIS CANDIDATOS DA SUBLEGENDA

Estes são os demais candidatos que acompanham a sublegenda do MDB-2, que agora está definitivamente formada: Silvino Nolasco Resende, Joaquim Leal, Benedi-

to Estanislau de Lima, Venâncio Gonzaga Ramos, José Edival Batista, Joel Fortunato de Oliveira, Anton Bajuk, Antonio Vicente Duarte, José Ferreira Dias.

A ASTRA existe para que não existam banheiros mal decorados.

AS TAMPAS PLÁSTICAS, ARMÁRIOS DE PENDURAR E ARMÁRIOS DE EMBUTIR QUE A ASTRA FABRICA, DECORAM DISCRETAMENTE O SEU BANHEIRO.

ASTRA

Rua Colégio Florence, 59 Tels. 6-4650 e 4-1489

SUPERMERCADO ELIAS



ONDE OS PREÇOS SÃO SEMPRE OFERTAS

R. DOM JESUS DE PIRAPORA 2757-83- FONE: 4-1775 ESTACIONAMENTO PRÓPRIO

"Um só mestre de vícios basta para corromper uma população".
Fernando de Rojas, "Celestina", ato IV



GIGANTÃO DE TÊNIS: NESTE ANO, EM DUAS ETAPAS.

O Torneio Gigantão de Tênis aconteceu pela primeira vez no ano passado. O que deverá ocorrer neste ano é relatado pela reporter Leo Briganti.

O "2.º Gigantão de Tênis que acontece em Jundiaí apresenta neste ano a novidade de ser realizado em duas etapas. Nelson Cardin, um dos diretores técnicos, acredita que se o torneio fosse realizado em apenas uma fase, Jundiaí estaria, com aproximadamente 2000 atletas. A abertura do Gigantão aconteceu sábado com uma solenidade às 10 e às 13h com o primeiro jogo.

De acordo com os organizadores do torneio no ano passado, seu sucesso foi total, e, neste ano, Jundiaí promove através do Clube Jundiaíense, Tênis Club de Jundiaí e CCE (Comissão Central de Esportes), o 2.º Gigantão que tem por objetivo divulgar e promover este esporte.

PARTICIPANTES

A primeira etapa, que será completada em outubro, possui 703 participantes representando Americana, Atibaia, Campinas, Jaboticabal, Catanduva, Franco da Rocha, Itatiba, Louveira, Barretos, São João da Boa Vista, São José dos Campos, Santos, Piracicaba, Marília, São Paulo, Franca, Bragança, Taubaté, Mogi Mirim, Sorocaba e Jundiaí.

O alojamento para os tenistas não jundiaíenses será no Ginásio Municipal de Esportes Dr. Nicolino de Lucca.

Estarão participando tenistas das categorias juvenil, infanto-juvenil, principiantes e de 5.ª à 1.ª classe. Os jogos serão de simples inicialmente e, em outubro, de duplas.

Jundiaí participará com 62 jogadores, o que Cardin acredita não ser maior pela época de férias. Quanto ao preparo físico dos atletas, ele diz que considera mais importante a participação de Jundiaí e não a classificação que seus tenistas possam obter.

Entre os participantes estará a LIFT (Liga Feminina de Tênis), que tem as jogadoras de maior expressão no Brasil. Não está confirmada a vinda de Thomas Koch, mas se ele estiver no Brasil, irá concorrer na categoria principal.

Todas as provas poderão ser assistidas gratuitamente nas três quadras do Ginásio de Esportes, nas duas da sede de Campo do Clube Jundiaíense e na quadra de sede central do Clube.

A premiação será com troféus para os 1.º e 2.º colocados de cada categoria, estando ainda em disputa, o troféu Gigantão de Tênis, que será com o Esporte Clube Pinheiros, que obteve maior número de pontos o ano passado. Este Clube deverá trazer o troféu que só ficará definitivamente com aquele que vencer, consecutiva ou alternadamente, três vezes.

Com uma comissão organizadora possuindo elementos dos três clubes que estão promovendo, Dr. Dugan Ramos de Oliveira é o Presidente de Honra, pois foi no ano passado um dos fundadores do Gigantão.

O objetivo deste campeonato, que é incentivar a prática do tênis, segundo Cardin, professor de tênis do Clube Jundiaíense, foi alcançado plenamente. Sua escolinha possui 134 alunos, com os 8 horários preenchidos. Este número foi sensivelmente alterado depois do 1.º Gigantão de Tênis. Os associados, de 8 a 16 anos de ambos os sexos, recebem aulas gratuitamente de 4a., 6a. e 3a. e 5a., de manhã e a tarde.



Cardin: o sorriso do otimismo.

JUNDIAÍ CLINICAS



Locais de atendimento
UNIDADE CENTRÔ

Rua Siqueira de Moraes, 242
Fones: 4-1067 e 4-1777

UNIDADE VILA ARENS

Rua Frei Caneca, 162
Fones: 6-3260 e 6-8248

UNIDADE PRUDENTE

Rua Prudente de Moraes, 1372
Fone: 6-6964

UNIDADE DE ABREUGRAFIA

Rua Prudente de Moraes, 1372
Fone: 6-6964

UNIDADE CAMPO LIMPO

Av. Manoel Tavares da Silva, 495
Campo Limpo Paulista

HOSPITAL
SANTA RITA DE CASSIA

Praça Rotatória, s/n - J. Messina
Fone: 4-1666

LEIA E ASSINE O JORNAL DE 2ª
fone: 4-2759



LAGO AZUL

RESTAURANTE
PIZZARIA
CHURRASCARIA
SAUNA • MOTEL

VIA ANHANGUERA, KM. 72

“Um só mestre de vícios basta para corromper uma população”
Fernando de Rojas, “Celestina”, ato IV



VARIEDADES



NAS BANCAS

Música — Já está no número dois. Publicação mensal da Imprima Comunicação e Editoração Ltda., Caixa Postal 5588, São Paulo. Muito útil para quem está aprendendo a tocar violão ou guitarra. A revista traz ainda reportagem com cantores, conjuntos, e compositores (o número dois tem uma boa entrevista com Elis Regina), notícias e letras de músicas. Leva jeito.

Rango n. 4 — É o quarto livro de quadrinhos do desenhista gaúcho Edgar Vasques, colaborador dos jornais Folha da Manhã de Porto Alegre, Risco, Ovelha Negra, e O Pasquim. Muito bom. Cr\$ 12,00. Pode ser encontrado na banca do Isidoro (rua do Rosário, em frente ao Kibe Kadi), por Cr\$ 12,00 Quem estiver com preguiça de ir até lá pode mandar uma carta a L. § PM Editores Ltda. rua Riachuelo 904, Porto Alegre (CEP 90.000). Assim, aproveita e compra pelo reembolso postal os quatro números já publicados Status Humor n.º 24/a — Editora Três. Não dá: é muito por Cr\$ 20,00. As outras revistas da série são bem melhores.

Isto É — Número 3, Cr\$... 15,00. Vale o preço. Destques para "Gore Vidal em 1876", "Noitada Paranormal com Uri Geller" e "Entenda Melhor o Inglês que Você Fala".

Escrita — O número 10 já está nas bancas. Revista de literatura vendida nas bancas por Cr\$ 10,00. Neste número está sendo lançado um concurso de literatura (poesia, contos, romance, e história infantil).

Audiência — Revista editada pela Associação Brasileira de Emissores de Rádio e Televisão. Nas bancas, por Cr\$... 10,00. No primeiro número, lançado na semana passada, uma entrevista com Jorge Andrade criticando os críticos e inúmeras colunas sobre gente de rádio e televisão. O número dois, que sai em agosto, apresentará também um caderno sobre música e discos. (Ainda em agosto, a Editora Abril lançará Tv-Guia).

Nós, Mulheres — Jornal só para mulheres. O número um saiu este mês e traz depoimentos de mulheres operárias empregadas domésticas e varredoras de rua. Mensal. Cr\$... 5,00. É mais fácil de ser encontrado em São Paulo, ou em Campinas.



FILMES NA TV

Uma boa indicação para quem gosta de assistir aos filmes da televisão: "Moulin Rouge", de John Huston com José Ferrer. É a biografia do pintor Toulouse Lautrec. No fim do século, em Paris, um anão barbudo (Ferrer) frequenta o "Bal du Moulin Rouge". Seus amores impossíveis ele cria em quadros que se tornarão clássicos. O filme foi premiado com Oscars de cenografia e figurinos a cores. Huston tentou reproduzir na fotografia os mesmos tons que Lautrec usava em suas pinturas. José Ferrer interpretou Lautrec de joelhos (com as pernas amarradas atrás), para parecer anão. No elenco, Zsa Zsa Gabor, Collette Marchand, Zuzzane Flon, Katherine Kath, Peter Cushing e Muriel Smith. Sexta-feira, às 23h50, no canal 13.

Os outros filmes da semana no 13: **Terça-feira** — "A Sereia do Mississippi", com Catherine Deneuve, Jean Paul Belmondo e Michel Bouquet. Direção de François Truffaut. Loius Durand (Belmondo), plantador de tabaco instalado na ilha de la Reunion, e a americana Julie (Catherine) ficam noivos por correspondência, sem nunca terem se encontrado. Louis agora a espera à bordo do vapor "A Sereia do Mississippi". O casamento se realiza e os dois são felizes até que o rapaz descobre que ela não é a verdadeira Julie. Ai... bom, o filme começa às 23h50.

Quarta-feira — "Carmen Jones". Direção de Otto Preminger, com Dorothy Dandridge, Harry Belafonte e Dihann Carroll. É a ópera "Carmen", de Bizet, transposta para um elenco todo negro. Agora, Carmen é uma negra que trabalha numa fábrica de pará-quedas e se apaixonou pelo recruta Joe, que vai ser aviador. Mas, por sua causa, é mandado à prisão por negligência. Carmen o espera e o convence a desertar, para fugirem juntos. 21 horas.

Quinta-feira — "A Inconquistável Molly" — Com Debbie Reynolds e Harve Presnell. Musical baseado na vida de Molly Tobin, cantora de saloon que se casou com um mineiro rico se impõe à sociedade de Denver e sobrevive ao afundamento do Titanic. O último dos grandes musicais da Metro. 23h50.

CANAL 2

Segunda-feira — "Kazan, o

Cão Lobo. — Com Stephen Dunne, Louis Maxwell e Joe Sawyer. Um grande cão de trenó, no Canadá, afeiçoa-se a uma moça cujo pai, extremamente cruel, tenta matá-lo. 13 horas.

"A Margem". — De Ozualdo Candeias, com Mário Benenutti, Valéria Vidal, Lucy Rangel e Bentinho. Duas histórias de amor numa favela do Tiête, Segundo Candeias, a mensagem é simples: todas as pessoas são iguais, só mudam os esquemas sociais. Filme mais humano que social. 23 horas.

Terça-feira — "Policia em Apuros" — Com Joe E. Brown e Mary Calisle. Policial, depois de deixar escapar um criminoso, faz tudo para recuperá-lo, tornando herói. 13 horas.

Quarta-feira — "Férias no Hawaí" — Com James Darrin e Debora Walley. Gidget vai passar as férias no Hawaí com os pais e o namorado. Segundo filme da série "Gidget", só que neste Deborah substitui Sandra Dee. 13 horas.

Quinta-feira — "Ídolos em Apuros" — com Anthony Newly e Willien Bendit. A carreira de um cantor ia bem até que ele foi convocado para o Exército. A filha do comandante se apaixonou por ele. Bom para meninos e meninas. 13 horas.

Sexta-feira — "O Signo de Áries" — dirigido por John Sturges. Com Susan Peters e Alexander Know. Parálitica egoísta destrói a vida de seus enteados. Melodrama especialmente criado para Susan, que ficou parálitica aos 22 anos num acidente com fuzil de caça (ela morreu em 1952, aos 31 anos, depois do fracasso desse filme). 13 horas

"A Herança" — de Ozualdo Candeias, com Barbaré Fázio David Cardoso e Rosalvo Caçador. 23 horas.

Sábado — "Na Rota das Estrelas" — Direção de J. Lee Thompson, com Curd Jurgens, Gia Scala e Victoria Shaw. Biografia de Von Braun, que criou a bomba V2 para os nazistas e levou os americanos até a Lua. 13 horas. "Aventuras na China" — com Edmond O'Brien, Barry Sullivan e Jacelyn Brando. Um comandante, um capitão e

uma enfermeira da Marinha são enviados às profundezas da selva do Sul da China, a fim de salvar um almirante que é mantido prisioneiro pelos guerrilheiros. 24 horas.

Domingo — "Zarak" — De Terence Young, com Victor Mature, Anita Ekberg e Michael Wilding. Mature torna-se um líder rebelde quando é expulso de sua aldeia pelos britânicos. Para compensar o colonialismo, há uma dança erótica de Anita Ekberg. "Crepúsculo Sangrento". Com Merle Oberon, Brian Aherne, Carl Esmond e Fritz Leiber. A história se passa na Noruega, durante a Segunda Guerra Mundial. Merle Oberon, usando os seus encantos femininos, extrai segredos de um oficial nazista.



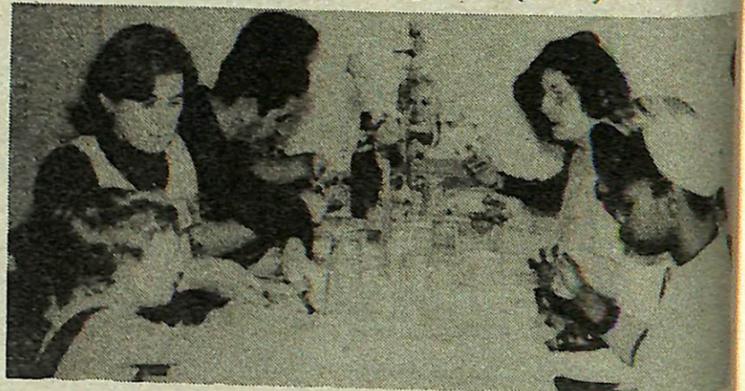
UMA COMIDA IGUAL DA MAMÃE.

Lazanha à moda da casa é o melhor prato que o restaurante da Associação Esportiva Jundiense oferece a seus fregueses aos domingos, a Cr\$... 15,00. Mas para outros gostos, há também o nhoque, caneloni, risoto de frango, frango assado e para acompanhar, maionese. Tudo isso, só aos domingos, após as 12 horas.

Aos sábados, o restaurante serve pizzas a partir das 18 horas, podendo ser sob encomenda. A moda da casa custa Cr\$ 32,00 (tamanho médio).

O restaurante desse clube está sob a direção de Ítalo, que garante ter comida essencialmente caseira (também pudera, é sua mãe que capricha na cozinha). Ele aceita somente cheques especiais e pode receber cerca de 100 pessoas.

Para quem gosta de um almoço domingueiro bem tranquilo, é uma ótima pedida. O local é calmo, a música ambiente não irrita e, sobretudo, os pratos são feitos com carinho maternal. Talvez por isso, bem simples e gostoso. (C.K.I.)



Na Esportiva, uma comida realmente caseira.

COMÉRCIO DE COURO
Rua Dr. Torres Neves, 338

Bola de Futebol n. 4 - Cr\$ 65,00
Boja de Futebol n. 5 - Cr\$ 83,00

CECCATO
O mecânico de seu carro
Rua Dr. Antenor Soares
Gandra, 140
Fone 6-4522

FOTO GELLI
Rua do Rosario, 334
Fone 4-2253

Escritório Comercial Lepnel
Rua Vigário JJ Rodrigues, 162
Fone 6-1541

AÇOUGUE E CASA DE CARNES MARCIO CACEZES
Rua Senador Fonseca, 1032
Entregas à domicilio
Fone 6-4880

FOTO LUIZ
Agora em novas instalações.
Rua São José, 22

ESTRUTURAS METÁLICAS
PRQJETO - EXECUÇÃO - MONTAGEM
Plataformas — Estruturas Leves e Pesadas
"Shed - Duas Aguas - Arcos"

Zomignani & Cia. Ltda.

ESCRITÓRIO JUNDIAI:
PRAÇA GOVERNADOR PEDRO DE TOLEDO, 24
CAIXA POSTAL, 801 — FONE, 6-6441

XEROX
também
é com o
FOTO ZEZINHO
ROSARIO 322 FONE 6-2141

NOVIDADE/
Charme
CALCADO/
ROSARIO, 626

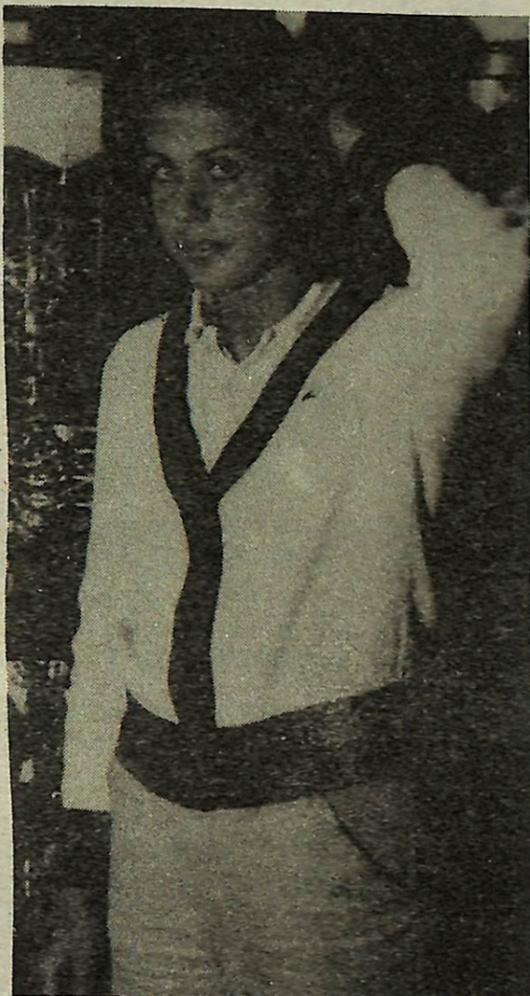
**"Um só mestre de vícios basta para corromper uma população".
Fernando de Rojas, "Celestina", ato IV**

PESSOAS:

Carlinhos Pierobon



MARTHA BURGOS,
Sra. Dr. Gilberto L. Pereira da
Silva, onipresente ao
tênis jundiaense,
antes, durante e sempre...



GLAUCIA LANGELA,
filha de Odilla e Antenor
Langela, um grande
nome no tênis brasileiro,
(além da beleza de olhos azuis...)

"Nem sempre a minha vida foi tão bela, mas o que passou, passou. Dedico esse título a mamãe que tantos sacrifícios fez, pra que eu chegasse aqui, ao apogeu, com o auxílio de vocês". Quem dá esse depoimento é a "sapoti" Angela Maria, na música Miss Sueter, no LP de João Bosco "Galos de Briga", indispensável aos bons discófilos

Sra. Alceu Rossi (Rosa Maria Massotti) escrevendo from Monterrey, México, que não virão este ano ao Brasil, pois terão apenas 15 dias de férias, os quais passarão em Acapulco. Cancelaram também o convite do jogador Eusébio (lembram dele, na seleção de Portugal) para irem a Lisboa.

"Retrato de um casamento" editado pela Nova Fronteira, trouxe ao leitor brasileiro o valente livro de Nigel Nicolson, no qual conta a história de sua mãe Vita Sackville-West e seu relacionamento com Violet Trefusis. Recomendado às pessoas que sabem das coisas...

Maria Tabbakh, Cidoca Souza Aranha Abaid, Titta Aprilantti e outras bem vestidas e penteadas. Entregam seus cabelinhos aos cuidados do mestre Roberto, o coiffeiro do "New Giz" da Engenheiro Monlevade...

Na esquina da Augusta com Alameda Lorena em SP, a nova "Lui et Lei" é a melhor dica aos que pretendem ser "lista" ou então "fechar de chique" no Dadá, Zetiserve ou no Jarbas...

Dia 31, no Clube Jundiaense a presença "branca" de Clara Nunes, sob a batuta do jobem diretor social Antônio Carlos de Castro Siqueira. Porém a curtição maior será reservada para dia 10 na sede de campo, com Adelaide Chiozzo e sua harmônica. Lembre-se que ao lado de Eliana Macedo, Adelaide foi a grande estrela dos musicais da Atlântida.

Em sua reminiscências, certa "elegante jundiaense", num momento de muita ternura recordou os saraus de Dona Nair da Teffe, onde, com o Barão de Itararé, abalou a rígida moral da

República, dançando o maxixe "Corta Jaca" de Chiquinha Gonzaga, maldito na época...

Sra. Angelo Potenza (Maria de Lourdes Torres) nos últimos retoques de decoração, muda logo para o Ana Maria. A casa dos Potenza, construída de maneira que todos que chegam à cidade pela Avenida, contemplem, a direita, a imponência e modernismo de suas linhas.

"Ainda há tempo e espaço. Plante. Enquanto existir o verde, tudo estará azul". Com esse slogan, Dalmiro José Azevedo Freitas ganhou o primeiro lugar no Concurso Nacional de Cartazes, sobre o tema "Preservação do Meio Ambiente"

O inimitável João Alberto Moraes Pereira, líder da ala jovem do Grêmio CP, bolando para o grande clube da Rangel Pestana, chás, desfiles de moda com muitas bossas, festas, bailes e demais manifestações do gênero. Acredito no sucesso, tudo o que ele toca se transforma...

O BOOM DO TÊNIS

Desde que surgiu na Inglaterra nos idos de 1877, o tênis passou das elegantes quadras dos castelos para as quadras de todo o mundo. No Brasil, um Koch, Mandarino ou a eterna Maria Ester Bueno fazem tornar diárias palavras como: drives, lobies, smaches, back hands, top slies, etc.

Em Jundiaí, depois de longo período, quase esquecido, o entusiasmo voltou no início da década de sessenta, nesses idos Nelson Cardin começou sua carreira por aqui.

Era então um esporte à elite enclausurada entre as treliças verdes do Clube Azul e Branco, desconhecido e inacessível ao grande público.

Porém, nesta década, ou a chamada pelos especialistas como a "década do tênis", nunca se falou tanto, quis aprender e se vendeu em nome desse esporte, que tem deixado o branco clássico, para assumir todas as cores, tornando-se uma poderosa indústria de moda (Adidas, Lacoste, Gucci, Spalding), onde "tudo que é fabricado é vendido".

Hoje, a estrela da novela joga, o executivo tem sua partida antes do escritório e, estamos chegando à fase em que o povo passa a participar jogando.

Raras são as cidades brasileiras que possuem um Ginásio Municipal, onde são três as quadras, gratuitas, podendo o tenista comparecer para a prática apenas munido do material.

As demais, seis, estas para associados, são as do Clube, uma na sede central e duas na de campo (além de mais duas em construção), o Tênis Clube com três quadras em sua sede. Sendo que estas e as da municipalidade mantêm diariamente altíssima rotatividade.

São nove, as quadras particulares, geralmente em sítios chácaras e fazendas espalhadas pela região, para o delite do beautiful people, sempre afoito.

Alberto Traldi, Hilda Latorre de França Silveira, Adolpho Traldi, Bianca De Vecchi Bocchino e Maninho Ribeiro, iniciantes do nobre esporte, ainda hoje batem bolas, classicamente.

Na nova geração despontam os nomes de Lívio Carlos P. da Silva, Marcos Gobbi e Altayr Alberto Sianga, não podendo nunca deixar de falar nos irmãos Mazzei, de tradicional família de esportistas.

Porém as glórias vão a Gláucia Langela, considerada o segundo nome nacional, tendo começado na escolinha do Clube (que mantém gratuitamente cerca de 134 alunos da idade entre 10 e 16 anos), então chamada de "Escola de Campeões"

São muitas as mulheres que destacam-se, pois este esporte favorece as mulheres, ao contrário do que se diz sobre musculatura (natural ao homem), silencioso ajuda a concentração, o relax e o desenvolvimento de todo organismo.

Nossos campeonatos anuais (Aberto de Tênis, Gigantão e outros) estimulam a prática e consagra a cidade, pois cerca de 1.200 tenistas vindos de todos os pontos do país, divulgam e enaltecem Jundiaí.

Grande parte da meninada, para não dizer todos, que estão por aí carregando suas raquetes, vieram das mãos de Nelson Cardin e Kenko Carvalho do Clube Jundiaense e de José O. Abreu do Tênis Clube.

Resumindo: o tênis é acessível, econômico, estiloso, jogável em qualquer idade, estimulante mental, criativo, estético, chique, etc., e dentre tantos outros esportes, nenhum tem tanta virtude ao mesmo tempo.

Porisso, antes de ser esporte top, o tênis é a grande esperança esportiva.

"Um só mestre de vícios basta para corromper uma população".
Fernando de Rojas, "Celestina", ato IV



PALAVRAS

"No mundo atual, quando se planeja criar alguma empresa, sociedade ou movimento de qualquer espécie, princípios existem que, obrigatoriamente, devem ser levados em consideração, razão de ser do empreendimento, sua viabilidade e seu desenvolvimento". (Fausto Santos Filho, Coluna Rotária, jornal Cidade de Santos, 21/6)

"Um sem número de obras de vulto anunciadas aos quatro cantos pela bem montada máquina de divulgação daquela época, estão aí como provas vivas, a mostrar que foram erigidas tão somente com o pensamento do seu executor, voltado para a perpetuação do seu nome como um grande administrador". (Diário de Cuiabá, 21/5, sobre as "obras de fachada" da administração Pedro Pedrossian)

"Paradoxalmente, à medida em que o Município mais progride, mais oferece condições, mais ganha fama, mais atrai gente nessas condições. Problema insolúvel? Não. Apenas problema mal equacionado e pior resolvido. E a culpa maior, convenhamos, cabe à União e ao Estado, que promovem e incentivam iniciativas econômicas que nada rendem em termos sociais, embora movimentem grandes verbas de contas-correntes astronômicas". (Editorial do JC, 16/5, sobre o problema das favelas)

"O ensino de segundo grau é altamente seletivo. Não dá oportunidade ao estudante pobre e nas escolas oficiais prevalece o jogo do prestígio individual, cujas vagas são ocupadas pelos filhos das classes mais abastadas". (Senador Jarbas Passarinho, ex-ministro da Educação)

"Dizem que eu sou papisa do homossexualismo, mas eu recuso essa definição. Eu não inventei o homossexualismo, ele existe há séculos, e eu nada mais faço que abordar um problema que existe na natureza entre os animais, as aves e até entre as plantas. As líliáceas são hermafroditas. Mas meus livros são uma busca permanente em direção ao amor, qualquer espécie de amor". (Cassandra Rios, "Aqui São Paulo", semana de 29/4 a 5/5)

"O Jornal de Jundiaí, graças aos bons amigos do fisco vitorioso de Maceió, já em Alagoas, construiu uma ponte Jundiaí-Maceió". (Guilherme Enfeldt, coluna "Estamos na Praça, Jornal de Jundiaí")

"O senador Quércia diz que canalizar os canais é saneamento. É um absurdo disso". (Prefeito Ibis, na entrevista "coletiva" dada no dia 22 de maio em seu gabinete)

"Além disso, o asfalto é uma obra complementar ao saneamento, pois evita o pó, a lama, os buracos, a saúde dos moradores das ruas beneficiadas". (Prefeito Ibis, Jornal da Cidade de 10/6)

"São Paulo não copia nada de ninguém e o monte de dinheiro que tem faz a cidade criar suas coisas exclusivamente. O trânsito, por exemplo, foi criado produzido e engarrafado pela própria cidade". (Chico Anísio)

"Os brasileiros jogaram com demasiado sentido artístico. Quando um jogador pegava a bola, tentava fazer malabarismo em vez de passá-la adiante naturalmente, os adversários o desarmavam" (George Brdzki, da Associated Press sobre a derrota da seleção olímpica do Brasil diante da Polônia; foi 3 a 0)

"O brasileiro nasce craque. O europeu, atleta". (Wilson de Carvalho, Jornal dos Sports)

"Sou um homem de diálogo. Só o diálogo resolve os problemas". (Senador Magalhães Pinto, presidente do Congresso)

"Gostaria de jogar no Corinthians, pois sou corintiano desde criança e, embora esteja bem em Bauru, jogar em time grande é outra coisa". (Picolé, jogador do Noroeste de Bauru, considerado uma das revelações deste campeonato)

"Estamos ensinando geografia no Brasil como há 20 anos atrás". (Professor David Márcio Santos Rodrigues, presidente da Associação dos Geógrafos Brasileiros)

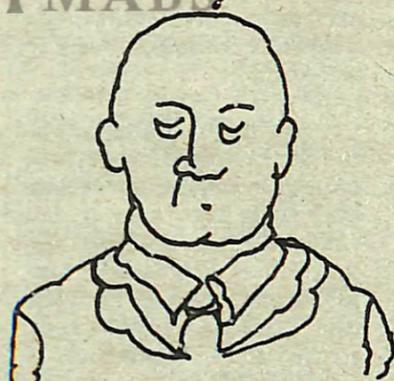
"Agora no nível do J2a, fico matutando. O J2a, saiu da vida e foi brigando com o inimigo além das fronteiras, tentando pegar pelo rabo inimigos mais grossos. Não será mió dá uma oiadinha pra trais? Ôi que o trem te pega". (Bartimeu, Jornal de 2a. de 5 a 11/7)

INTERVALO

EU QUE QUERIA
SER UM GRANDE HOMEM,



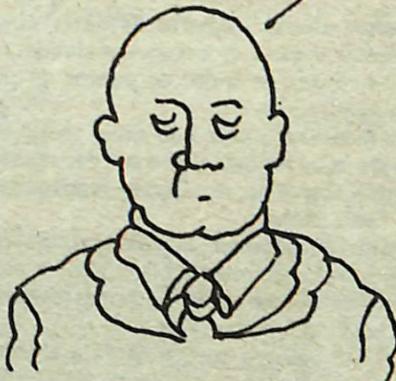
REALIZAR,
CONSTRUIR,



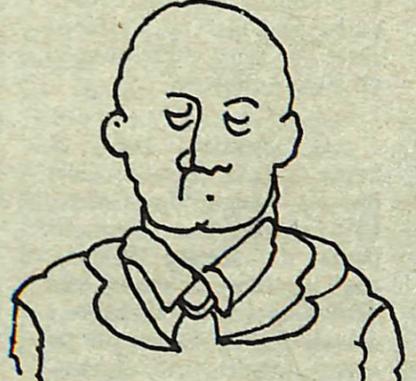
FIGAR
FAMOSO,



COM MONUMENTO
NA PRAÇA...



FIZERAM-ME



UM SIMPLES MONUMENTO.



"Um só mestre de vícios basta para corromper uma população".
Fernando de Rojas, "Celestina", ato IV



AS DATAS HISTÓRICAS DO CANDIDATO JOÃO DE DEUS



ENVOLVIMENTO

Fui comprar um "Cricket". O moço do balcão me atendeu bem. O preço é razoável. No entanto, senti a maior fossa, enquanto fazia a compra.

A sociedade de consumo é um capítulo de Cortázar. (E.M.)

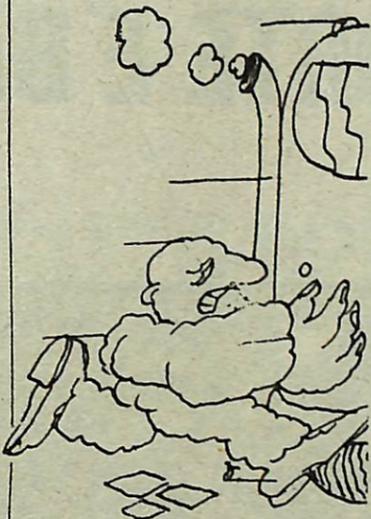
RUMO A BRASÍLIA?

Tem uma ponte quebrada. O pessoal vai se reunindo, se reunindo e conserta a ponte. Depois de tudo pronto, o locutor diz que o país vai pra frente. Pelo que eu etendi, é o povo que faz o país ir pra frente. Portanto, está na hora do povo ser governo. Elementar, meus caros. (E.M.)

DEMOCRATIZANDO

Dias atrás, numa festa, fui obrigado a parar de tocar aquele disco do Chico e Caetano juntos e pôr um da "Discoteca Hippopotamus", por causa dos pedidos insistentes. Acho que cometi aquilo que se chama de democratização da música. Perdão. (Kazuo)

TOMA LÁ, DÁ CÁ



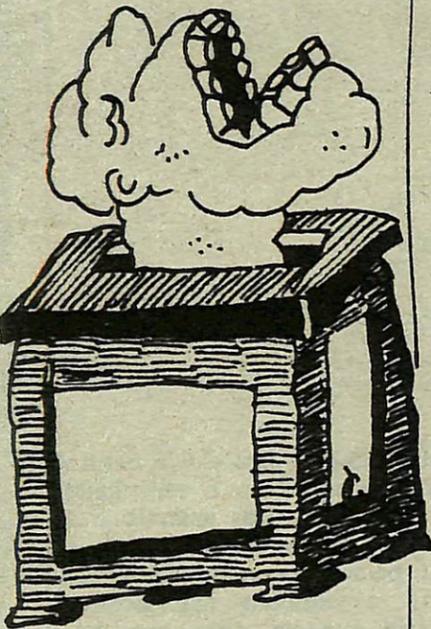
Os usuários da linha de ônibus do Jardim do Lago estão satisfeitos porque a empresa determinou um período de 10 minutos entre cada coletivo. Por outro lado, reclamam que alguns motoristas às vezes não param no ponto para recolher passageiros, talvez devido à necessidade de cumprir o horário.

Que raio de serviço público é esse que abandona o público para não atrasar? (Kazuo)

ABC DAS BOAS COMPRAR

Se você quiser saber o que é o 14.º salário do Comind, o que a Esso faz pelo seu carro, onde comprar Philco mais barato, ligue no informativo das Olimpíadas que o Canal 5 transmite, em serviço exclusivo ABC-TV.

Pra saber das Olimpíadas? Leia o "Estadão" do dia seguinte. (E.M.)



Do impresso distribuído pelo candidato a vereador pelo MDB do Rio, João de Deus Barbosa:

"Grandes datas históricas da Humanidade e do povo brasileiro:

- 1648 - Início da Revolução Inglesa.

- 14 de julho de 1789: Queda da Bastilha e início da Grande Revolução Francesa;

- 19 de abril de 1883: nasce em São Borja, RGS, Getúlio Dornelles Vargas;

- 1891: o papa Leão XIII lança a Encíclica Rerum Novarum;

- 2 de janeiro de 1930: no maior comício até então realizado no Brasil, Getúlio Vargas apresenta a plataforma da Aliança Liberal no Esplanada do Castelo;

- 24 de outubro de 1930: vitória da Revolução que levou Getúlio ao Poder;

- 10 de dezembro de 1948: a Assembléia-Geral das Nações Unidas vota em Paris a Declaração Universal dos Direitos do Homem;

- 24 de agosto de 1954: morte do líder da História do Brasil, Getúlio Vargas"

Detalhe: em 1974, João de Deus Barbosa foi candidato a deputado federal e perdeu. Mudaram as eleições ou mudaram os getulistas?

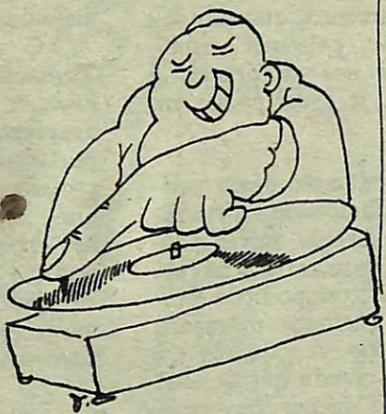


FOTO NIEPCE

REVELAÇÕES
REPORTAGENS
POSTERS

"cores e pb"

CURSO DE FOTOGRAFIA e FOTO CLUBE

rua benjamim constant, 216
fone 68211

jundiaí - sp

Puffs!

Ventrículo é um artista que fala com o coração.

Manolita é um quadro de Da Vinci que não vale um tostão.

Tocantins são pequenos tambores usados pelos índios da Amazônia.

Bisonho é um inseto que tem asas mas não consegue voar.

Corisco é um raro molusco que vive no sertão.

Cãibra é a mais antiga universidade de Educação Física de Portugal.

Goethe é um local onde se reuniam os escritores judeus, na Alemanha.

Manjuba é o nome dado ao jantar anual do Lions Club.

Cabo Canaveral foi um cubano que assassinou John Kennedy com um foguete.

Mazela é um animal muito parecido com o veado, só que mais feio.

Estandarte é uma violenta explosão que mata os soldados da primeira fila.

Mameluco é um delicioso doce indígena fabricado com cabeça-de-negro.

Bordel foi um cantor de tangos que se inspirava na vida das prostitutas.

Pôncio Pilatos foi o inventor do hidro-avião.

Tunísia é uma veste militar toda negra.

Matusalém, em aramáico, quer dizer: atrás da moita, meu velho.

Zarteu

LEIA E ASSINE O JORNAL DE 2ª
disque. 4-2759

CONSTRUTORA JUNDIAÍ LTDA.
r. Siqueira de Moraes n. 578
8 andar conjunto 801 C

"Um só mestre de vícios basta para corromper uma população".
Fernando de Rojas, "Celestina", ato IV

NA AVENIDA DE LUXO, SÓ A MORTE É BARATA

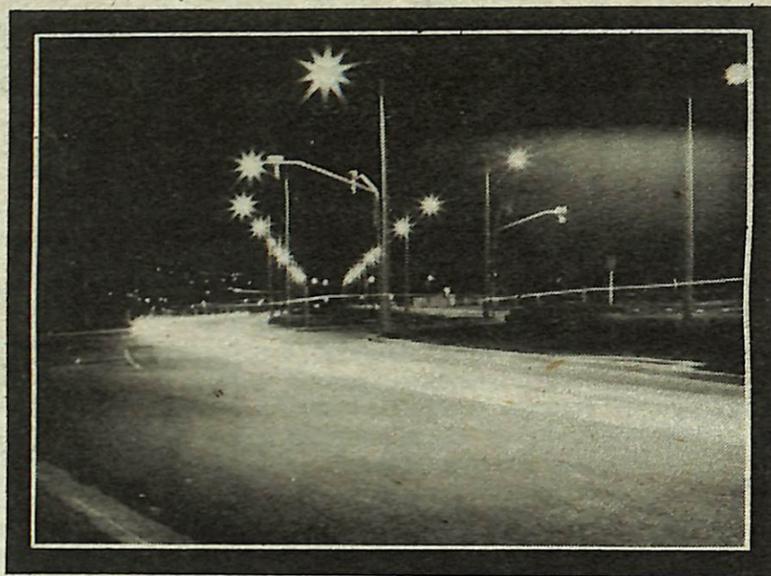


Foto - Luiz Alberto Ceccato

Os carros vêm de quatro direções: cidade-bairro, bairro-cidade, Hortolândia-cidade e cidade-Hortolândia. Há faixas de seguranças pintadas no chão. Há semáforos para todas as direções. Então porque há tantos acidentes nesse cruzamento maldito da avenida 9 de Julho com a rua Tomanik?

Alguma coisa, evidentemente, está errada, embora os técnicos de trânsito do município não queiram reconhecer. Para eles, basta colocar semáforos e pintar as faixas para dar ao cruzamento uma aparência de segurança que ele não têm.

O erro básico consiste no próprio cruzamento: nunca se viu via expressa com cruzamento em nível. Para economizar alguns cruzeiros que foram fartamente gastos na avenida luxuosa, a Prefeitura deixou de fazer uma passagem em desnível, ou pelo menos alguns retornos acessíveis, para evitar que quatro correntes de tráfego se encontrassem num cruzamento extremamente perigoso.

De acordo com a sinalização existente no local, os carros que

descem a rua Eduardo Tomanik no sentido bairro-centro, não podem fazer conversão à esquerda, para tomar a pista direita da avenida.

Se eles quiserem entrar na avenida, precisam tomar a direita, na pista Hortolândia-cidade, e ir até a altura da Vigorelli, para então fazer a conversão à esquerda, e tomar a avenida. E essa conversão é provisória, porque a avenida, por enquanto acaba ali.

Ou seja: o carro que vem do bairro, com destino ao centro, simplesmente não pode entrar na avenida sem fazer um longo balão. Por outro lado, os carros que vêm no sentido cidade-bairro, também não podem entrar à esquerda para tomar a pista Hortolândia-centro.

O acesso à avenida é difícil. O cruzamento, em termos de acesso, é absolutamente inútil. Ele só está colocado ali por imprevidência, ou mau planejamento.

A interrupção de todas as outras vias de ligação entre bairros e cidades,

provocada pela própria construção da avenida, acabou convertendo a rua Eduardo Tomanik em única opção existente além da avenida Jundiá. E evidente que o tráfego nessa rua fica extremamente sobrecarregado.

E essa sobrecarga só fez aumentar o perigo do cruzamento, que por sua própria localização, pela má visibilidade que oferece aos motoristas, e pela sua extensão, já é um perigo em si.

Vejamus um exemplo desse perigo: um carro está descendo a rua Eduardo Tomanik, direção bairro-cidade, em velocidade regular. O sinal está verde para ele, mas o tempo pode estar terminando e a qualquer momento poder ficar vermelho. A extensão do cruzamento é tão grande que o sinal pode perfeitamente fechar enquanto ele ainda está sendo percorrido.

Ao mesmo tempo em que esse carro se aventura a cruzar a avenida enquanto é favorecido pelo sinal, um outro carro vem pela avenida, no sentido centro-Hortolândia. Se o

sinal está fechado para ele, é natural que venha diminuindo a velocidade; mas o sinal pode ficar amarelo e abrir a tempo de que ele possa acelerar e passar pelo cruzamento. Com uma agravante: a jardineira mal localizada impede que ele tenha uma boa visibilidade.

O carro que descia pela Eduardo Tomanik, acelerando para atravessar logo o cruzamento, naturalmente desprezará o sinal amarelo, para não parar abruptamente e quem sabe provocar uma colisão com alguém que venha atrás, ou simplesmente na esperança que o motorista que está na avenida espere até ele passar.

Os dois podem pensar a mesma coisa, e como muitas vezes já aconteceu, eles batem.

Há uma maneira muito simples de evitar esse problema: simplesmente eliminar o cruzamento, com a construção de retornos (mais baratos) ou passagens em desnível (mais caros e mais seguros). Qualquer que seja a solução, ela será mais barata do que a morte.

COMO FECHAR AS JANELAS E NÃO OUVIR A DOR?

"Alguns vizinhos nos aconselharam: fechem as janelas e as cortinas e façam de conta que não ouviram nada. É possível pensar assim? E depois, como vamos poder dormir tranquilos com a nossa consciência?"

Já prestamos socorros mais de vinte vezes; já perdemos a conta das toalhas que emprestamos para estancar o sangue dos feridos; já perdemos a conta dos sustos que levamos. E as crianças, então? Quantas vezes precisamos dar-lhes tranquilizantes!

Da última vez foi trágico: estava descendo para tirar o carro da garagem quando ouvi um estrondo. Corri para ver. Ali na esquina estava um Opala completamente esfaqueado. Nesse morrinho aí que você está vendo, havia uma criança, completamente imóvel, cheia de sangue, acho que em estado de coma. Dentro do carro re-

torcido, um homem ferido. Lá longe um caminhão todo arrebatado. Corri para pegar a criança, deixa-a nos braços de alguém e disse: leve-a a um pronto-socorro, correndo! Depois ajudei a tirar os outros das ferragens. Duas crianças morreram, como você sabe.

O presidente do Comutran esteve aí, eu sei que fui até um pouco indelicado com ele, perguntei-lhe até quando eles iam arriscar vidas humanas com aquele cruzamento; perguntei-lhe se eles só tomariam providências quando um parente deles fosse a vítima; ele não respondeu, só ficou calado, acho que entendeu o meu estado de revolta.

Uma pessoa, veja só, uma pessoa que passava, ainda me perguntou porque eu estava irritado, se alguns dos feridos ou mortos era meu paren-

te, como se a gente só fosse se preocupar, dar valor à vida dos nossos parentes, como se a gente pudesse assistir a essas cenas friamente, sem se abalar.

Eu, como cidadão, não podia me calar, não posso me calar, não tenho o direito, entende?

Muita gente me diz, me pergunta o que é que eu tenho com isso, porque eu quero me meter nessas coisas; outros acham que a gente só está se incomodando porque as coisas acontecem aqui na porta da nossa casa, porque estão roubando a nossa tranquilidade. Não é isso, entende, não é com a nossa tranquilidade que estou preocupado, estou — estamos todos nós aqui, preocupados com as vidas que se perdem, com as vidas que se arriscam aqui todos os dias. Estamos com pena, com dó dessa

gente, com o sofrimento que a gente vê.

E as crianças, os meninos que descem do Instituto todos os dias, você precisa ver o sofrimento deles para atravessar a avenida; É a única passagem que existe. Vem carro dos quatro lados, é um risco, um perigo.

(Depoimento de moradores na rua Eduardo Tomanik, n. 540, a casa mais próxima do cruzamento. Da varanda da parte superior da casa, a menos de 100 metros da avenida se tem uma visão perfeita de todo o cruzamento, dos seus quatro lados, de todos os carros que se arriscam, entre brechadas violentas, buzinas desesperadas e manobras perigosas, a atravessá-lo durante as 24 horas do dia).